

José Lhomme

O Fenômeno das Mesas Falantes



Conteúdo resumido:

Em meados do ano de 1855, Kardec presenciou o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam, em condições tais que não deixavam lugar para qualquer dúvida. Ele entrevistou naquelas aparentes futilidades, no passatempo que faziam daqueles fenômenos, qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei que tomou a si estudar a fundo.

E assim Kardec passou a fazer parte de um grupo de experimentadores e foi nas reuniões dele que começou os seus estudos sérios do Espiritismo, que compreendeu a gravidade da exploração que iria empreender e recebeu, no fenômeno das mesas falantes, a chave do problema tão obscuro e tão controverso do passado e do futuro da Humanidade, a solução que procurara em toda a sua vida. Era, em suma, salienta ele, toda uma

revolução nas idéias e nas crenças; fazia-se mister, portanto, andar com a maior circunspeção e não levianamente.

Aqui está, portanto, uma obra que trata pormenorizadamente sobre os fenômenos de Tiptologia e que o autor de renome internacional e Presidente de Honra da União Espírita Belga, José Lhomme, trouxe à luz a fim de levar maiores esclarecimentos aos leigos que desconhecem esta face do Espiritismo de Kardec.

Prefácio da edição belga

Prefácio da edição brasileira

1. O que é útil saber / 11
2. As primeiras objeções / 12
3. Em busca de um médium / 16
4. O médium poderoso e o médium bom / 17
5. Controle dos assistentes / 18
6. Tiptologia (linguagem das batidas) por movimentos da mesa / 19
7. Ao crítico / 19
8. Tiptologia íntima / 20
9. Identificação / 20
10. Informações sobre o Além / 21
11. Identificação de entidades desconhecidas dos assistentes / 21
12. Afastamento de entidades anônimas, malfazejas ou frívolas / 22
13. Ingerência dos espíritos em nossa vida / 23
14. Doutrinação / 26
15. O guia espiritual / 26
16. Condições essenciais que favorecem os resultados de uma sessão espírita / 27
17. O bom humor / 28
18. Preparação espiritual da sessão / 28
19. Exemplos de preces / 30
20. Horas das sessões / 31

21. Impregnação psíquica / 32
22. Como libertar um médium caído em transe ou em letargia / 33
23. Renovação das sessões / 34
24. Luz ou obscuridade / 34
25. O guia das sessões / 35
26. Adivinhação pela mesa / 36
27. O pensamento do presidente da sessão pode provocar e condicionar o fenômeno? / 38
28. Erros da comunicação com o outro mundo / 38
29. Por que Deus permite que se seja enganado em um assunto tão sagrado como a morte? / 39
30. Interrupção do fenômeno. Por quê? / 40
31. Os espíritos vêm-nos fisicamente? / 42
32. Visão de objetos ocultos / 43
33. Percepção de gestos executados, na obscuridade pelos assistentes / 45
34. Efeito da interferência dos pensamentos / 47
35. Visão direta sem ambiente mediúnico / 50
36. Fracasso de alguns ensaios / 52
37. Eliminação da hipótese telepática / 55
38. Um espírito pode ler no pensamento dos vivos? / 61
39. O mundo do alto e o nosso - Mentira e verdade / 65
40. Há perigo em praticar o espiritismo? / 66
41. O que ensina uma sessão de mesa "nula" / 67
42. Plano de organização de uma sessão bem orientada / 69
43. Desenvolvimento ulterior das experiências / 69
44. Utilidade demonstrativa do fenômeno das "mesas falantes" / 70
45. Demonstração da realidade da força psíquica em plena luz / 72
46. Relatos de sessões / 74
47. Um fenômeno desconcertante / 84
48. Posfácio / 86

Adenda

- 49. Mudanças na assistência de um grupo de trabalho / 87
- 50. Leitura direta / 89
- 51. Foi preciso um peso de 296 quilos para dominar uma mesa / 92
- 52. O que se pode estudar por meio da "mesa falante" / 93

Prefácio da edição belga

Experimentei imenso prazer e achei grande interesse na leitura de sua última obra intitulada "O Fenômeno das Mesas Falantes" e, uma vez que você quis pedir a opinião de um modesto estudante espírita, apresso-me a comunicar-lhe algumas reflexões que o seu novo estudo me sugeriu.

Se o fenômeno das mesas falantes é comum e simples, não devemos esquecer-nos de que foi ele o ponto de partida de uma doutrina filosófica apoiada no raciocínio e nos fatos. Como você muito bem disse, certos espíritas o desprezam, o desdenham mesmo, porque, afirmam eles, é um sistema muito lento reservado às entidades inferiores, mas estão enganados. Eles se esquecem, com efeito, de que os invisíveis se manifestam, não como eles querem, mas como podem, de um modo determinado, notadamente pelos meios que têm ao seu dispor, meios muito variados e dependentes, ao mesmo tempo, de seu grau de evolução e das disposições particulares dos seus intermediários.

Você faz bem em insistir nestas dificuldades materiais e morais. Todos os espíritas esclarecidos aprovam plenamente as suas observações judiciosas relativas à natureza dos espíritos que se comunicam pela mesa, apreciando os argumentos sólidos que faz valer para refutar objeções e notando, com atenção, as suas considerações sobre o controle e a sinceridade das sessões, o valor moral do fim a que querem atingir os experimentadores, assim como sobre a questão das provas de identificação.

Seus leitores acharão nestas páginas, escritas em um estilo claro, fácil, agradável, a confirmação, baseada em uma longa experiência dos

conselhos dados por Allan Kardec, que você repete, sem nunca cansar, no decurso das reuniões dominicais, isto é, que as indicações dos espíritos só podem ser consideradas como opiniões pessoais, que todo novo ensinamento, antes de ser aceito, deverá ser submetido à análise comparada e a um consenso universal, que o Espiritismo é uma ciência de observação e não um método de adivinhação.

Os pesquisadores imparciais, livres de preconceitos, apreciarão igualmente, em seu justo valor, sua recomendação no sentido de estender-se no estudo de todas as classes de fenômenos para obter uma vista de conjunto, suficiente e justa, do amplo problema da sobrevivência humana. A este respeito, diremos como Bozzano fez notar em um estudo extremamente interessante. "A psicologia da razão humana", que existe uma dificuldade enorme para a inteligência humana: ter simultaneamente presente, diante da razão, todos os elementos do problema, mesmo quando tais elementos são conhecidos do pensador que se propõe a resolvê-lo. É assim que bom número de leitores e de pesquisadores, a qualquer sistema que pertençam, não conhecem, ou não querem conhecer, todos os dados essenciais e não consideram, para extrair as suas conclusões, certas categorias de manifestações extremamente importantes.

Enfim, quero salientar, particularmente, a sua definição simples, muito clara e bem precisa, ao mesmo tempo, do chamado Além, a distinção que você faz entre o guia da sessão experimental e o guia espiritual, acrescentando que me foi muito agradável ver a inclusão de atas de sessões às quais tive a satisfação de assistir em sua casa.

Seu novo estudo é um verdadeiro manual do fenômeno das mesas falantes, um guia seguro e instrutivo que não existe na hora presente, pelo menos de meu conhecimento. Você preencheu, pois, uma lacuna ao publicar assim os resultados de numerosas observações feitas com um cuidado todo especial.

"O livro do médium curador" e "O fenômeno das mesas falantes" constituem complementos de valor, preciosos e indispensáveis, à sua bela

síntese, de uma concisão e de uma clareza notáveis, intitulada "O Além ao alcance de todos". E, de minha parte, aplaudo, calorosamente, a feliz idéia que você tem de continuar as suas publicações neste sentido.

A. Donnay
Secretário de redação do jornal belga
Le Spiritualisme experimental et philosophique

Prefácio da edição brasileira

Como bem disse o Sr. A. Donnay no prefácio da edição belga desta obra: "Se o fenômeno das mesas falantes" é comum e simples, não devemos esquecer-nos de que foi ele o ponto de partida de uma doutrina filosófica apoiada no raciocínio e nos fatos e "certos espíritas o desprezam, o desdenham mesmo, porque, afirmam eles, é um sistema muito lento reservado às entidades inferiores, mas estão enganados. Eles se esquecem, com efeito, de que os invisíveis se manifestam, não como eles querem, mas como podem, de um modo determinado, notadamente pelos meios que têm ao seu dispor, meios muito variados e dependentes, ao mesmo tempo, de seu grau de evolução e das disposições particulares dos seus intermediários".

Ora, foi precisamente com esse fenômeno, comum e simples, das mesas falantes, que começou o Espiritismo, ou melhor explicando, já existiam alguns experimentadores abalizados quando foi atraída a atenção de Allan Kardec para eles e assim surgiu a codificação da doutrina espírita. Poucos e raros eram, então, os médiuns psicógrafos e de incorporação.

Recorrendo a "Obras Póstumas" (12.^a edição), encontramos na pág. 237 e seguintes sob o título "A minha primeira iniciação no Espiritismo" uma extensa narração do Codificador, da qual extraímos umas linhas para mostrar como "o bom senso encarnado", como foi Kardec justamente chamado, tomou conhecimento do fenômeno das mesas falantes e dele tirou os maiores proveitos.

Conta Kardec que foi em 1854 que, pela primeira vez, ouviu falar das mesas girantes pelo Sr. Fortier, com o qual algum tempo depois se encontrou novamente e esse lhe disse: "Temos uma coisa muito mais extraordinária; não só se consegue que uma mesa se mova, magnetizando-a, como também que fale", ao que replicou Kardec assim: "Isto agora já é outra questão. Só acreditarei quando o vir e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula. Até lá, permita que eu não veja no caso mais do que um conto para fazer-nos dormir em pés".

No ano seguinte, em princípios de 1855, Kardec encontrou-se com o Sr. Carlotti, amigo de 25 anos, que lhe falou daqueles fenômenos durante cerca de uma hora. Foi o primeiro que lhe falou na intervenção dos espíritos e lhe contou tantas coisas surpreendentes que, longe de o convencer, lhe aumentou as dúvidas. "Um dia, o senhor será dos nossos", concluiu a conversa com Kardec, que lhe replicou: "Não direi que não; veremos isso mais tarde".

Foi mais tarde, em meados daquele mesmo ano de 1855, que Kardec presenciou o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam, em condições tais que não deixavam lugar para qualquer dúvida. Ele entreviu naquelas aparentes futilidades, no passatempo que faziam daqueles fenômenos, qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei que tomou a si estudar a fundo.

E assim passou Kardec a fazer parte de um grupo de experimentadores e foi nas reuniões dele que começou os seus estudos sérios de Espiritismo, que compreendeu a gravidade da exploração que iria empreender e percebeu, no fenômeno das mesas falantes, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que procurara em toda a sua vida. Era, em suma, salienta ele, toda uma revolução nas idéias e nas crenças; fazia-se mister, portanto, andar com a maior circunspeção e não levianamente; ser positivista e não idealista, para não se deixar iludir.

Para não me alongar muito, aconselho os que nos lerem a conhecer melhor a iniciação de Allan Kardec no Espiritismo, por meio das mesas falantes, fenômeno que alguns espíritos "superiores" cá da Terra desprezam e desdenham.

Não há, em todas as partes, médiuns que já nasçam "desenvolvidos". São muitas vezes os "espíritos das mesas" que apontam os que realmente possuem faculdades mediúnicas de diversas espécies e os grupos experimentais se formam e se aperfeiçoam.

Pode-se dizer, sem errar, que foi com o fenômeno das mesas falantes que nasceu este Espiritismo que pelo nome de seu ilustre Codificador é chamado Kardecista.

E, por analogia, recordo que foi um fenômeno também comum e simples: as batidas, golpes ou pancadas, chamados raps pelos anglo-saxões, que nasceu em Hydesville, pequena aldeia norte-americana, o que eles denominaram modern Spiritualism (neo-Espiritualismo) e que a humilde cabana de madeira da família Fox, em que eles se verificaram, foi mais tarde transportada para o Lily Dale Camp (acampamento espírita de Lily Dale), no Estado de New York, e transformada em Monumento Nacional do Espiritismo.

Fenômeno também comum e simples esse dos "golpes medianímicos", mas leiamos o que sobre ele escreveu o Prof. Charles Richet, ilustre médico autor do "Tratado de Metapsíquica", em seu último livro *La grande espérance*, pág. 221: "Um dos mais belos fenômenos da Metapsíquica é o dos raps, mas não é fácil obter golpes bastante sonoros para que os percebamos com facilidade. Eis em que consistem: se, num grupo de experimentadores, entre os que colocam as mãos sobre uma mesa, se encontra um médium de certa potencialidade física, percebem-se, às vezes, vibrações sonoras na estrutura da madeira e, muito a miúdo, essas vibrações, que o médium pode produzir todas as ocasiões que as suas mãos se acham imóveis em cima da mesa, são de natureza inteligente. A história dos raps é interessante e eu aconselharia um metapsiquista jovem a

escrever uma monografia detalhada acerca dos mesmos".

E foi um metapsiquista, ou melhor, espírita, não moço, mas velho, o inolvidável Prof. Ernesto Bozzano, quem atendeu ao desejo do médico francês e tratou magistralmente do assunto em sua monografia intitulada "Breve história dos golpes medianímicos".

Bozzano foi, neste século, o escritor mais conhecido da Terra, pois os seus belos e importantes trabalhos doutrinários e científicos foram publicados em italiano, francês, espanhol, português, inglês, etc., em livros e revistas. Era natural da Itália e escreveu mais de 100 trabalhos entre artigos e livros, estes para cima de 30.

Com Bozzano e outros grandes vultos do Espiritismo, sejamos sempre Espíritas e só Espíritas. Não precisamos do título de Metapsiquista ou de Parapsicólogo, tanto mais que a Metapsíquica e a Parapsicologia parecem, salvo prova em contrário, querer dar uma explicação materialista, só anímica, mental ou terrena, a todos os fenômenos, inclusive aos indiscutivelmente de ordem espiritual, de que estão repletas as vidas dos verdadeiros santos, com um assombroso e elástico poder da mente.

Tenhamos sempre e sempre esta humildade e esta sinceridade do nosso bom amigo e ilustre confrade Dr. Carlos Imbassahy que, para gáudio meu, escreve as suas notáveis obras espíritas na cidade em que nasci, Niterói, neste querido Brasil, cujas terras fluminenses, paulistas e mineiras já eram palmilhadas, há três e até quatro séculos, pelos meus antepassados de origem portuguesa.

E agora, para terminar, algumas palavras sobre o ilustre autor deste livro: José Lhomme. Foi fundador da Casa Espírita de Liége; diretor da Revista Espírita Belga de 1921 a 1945; membro da Federação Espírita Internacional nascida do Congresso de Liége, Bélgica, em 1923; conselheiro da Comissão Executiva dessa Federação em 1934; presidente da União Espírita Belga em 1940 e, finalmente, como justa homenagem, recebeu o título de Presidente de Honra da União Espírita Belga, ainda em atividade.

Escreveu as seguintes obras: "O Além ao alcance de todos", "O fenômeno das mesas falantes" e "O livro do médium curador", das quais me deu autorização para traduzir e publicar no Brasil.

Foi, em suma, um fiel discípulo de Allan Kardec, cujo verdadeiro nome era, sem mais dúvida alguma, Hippolyte Léon Denisard Rivail, pois publicava as suas obras pedagógicas com o nome de H. L. D. Rivail; era tratado familiarmente por sua esposa, Amélie Boudet, de Hippolyte, e Léon Denis dizia que o seu nome completo estava contido no do prof. Rivail. Denisard e Denizart são grafias erradas de Denisard.

Kardec, no capítulo II da 2.^a parte de "O livro dos médiuns", declara o seguinte: "Como quer que seja, as mesas girantes representarão sempre o ponto de partida da Doutrina Espírita e, por essa razão, algumas explicações lhes devemos, tanto mais que, mostrando os fenômenos na sua maior simplicidade, o estudo das causas que os produzem ficará facilitado e, uma vez firmada, a teoria nos fornecerá a chave para a decifração dos efeitos mais complexos".

A literatura clássica sobre as "mesas falantes" ou "girantes", o chamado "telégrafo espiritual", é pequena mas curiosa e empolgante.

Ficamos sabendo assim que o grande romancista e poeta francês Victor Hugo conversava com os espíritos por meio delas, quando politicamente exilado na Ilha de Jersey, sobre o que encontramos referências na 3.^a parte de "A vida gloriosa de Victor Hugo", de Raymond Escholier, das Edições "O Cruzeiro".

Tradutor - Francisco Klõrs Werneck

I

O que é útil saber

O mais comum, porém, o mais produtivo dos fenômenos espíritas, que não exige longa iniciação, é, sem contestação, o das mesas ditas "falantes".

Pelo mesmo é possível entrar-se em comunicação fácil com certas forças desconhecidas, entre as quais se acham as do Além.

Por Além é preciso compreender o estado de vida invisível no qual vivemos sem nos certificarmos dele. Não é uma região especial do Universo, escolhida no fundo do Empíreo, nas longínquas regiões azuis do chamado Céu, dificilmente acessível e separada de nós por distâncias incomensuráveis.

O Além, tal como deve ser entendido pelo experimentador, está bem perto de nós, assim como do Infinito, mas, apesar de sua proximidade, nos é desconhecido porque não o vemos.

Estamos, na maior parte, mergulhados no Além como cegos, mudos e surdos, isto é, incapazes de perceber as menores vibrações inteligentes dele pelas vias sensoriais ordinárias.

Uma única coisa nos resta, entretanto, possível (se não somos dotados das maravilhosas faculdades de sensitivo), que é de averiguar o movimento que se faz em torno de nós, bem perto de nós, movimento resultante de uma ação da vida invisível sobre os objetos que nos cercam.

Tal movimento pode dar lugar a golpes, toques de campanha, deslocamentos de objetos, isto é, a vários fenômenos acústicos e motores.

Agindo sobre a matéria inerte, as entidades do Espaço conseguem um duplo fim: fazer-se entender, por sinais convencionais, por meio de um objeto que não se pode, à primeira vista, acusar de cumplicidade combinada.

Graças a um dispositivo simples, pode-se entrar em relação com essas inteligências invisíveis, que se nos apresentam como um visitante que bate

a aldrava da porta de um modo convencional ou a combinar de viva voz.

É essa simplicidade mesma que faz recuar bom número de intelectuais que a consideram muito indigna deles e não refletem sobre as dificuldades inauditas, enfrentadas pelos habitantes impalpáveis do Invisível para se fazerem compreender por meio da linguagem humana.

2

As primeiras objeções

O fenômeno das mesas "falantes" tem contra ele três adversários obstinados: o ignorante, o senhor "que leu muito" e o espírita moralista.

O primeiro só vê no fenômeno uma farsa ridícula, fácil de desmascarar.

O segundo afirma que o "manipulador invisível" outro não é que o fluído da assistência, ao qual ele empresta um poder muito extenso de clarividência e de adivinhação.

Mas o que o senhor "que leu muito" não dirá é o como e o porquê da transmissão telepática do cérebro dos experimentadores às fibras da madeira da mesa, o como e o porquê da união dos fluidos díspares pertencentes a vários assistentes e de sua transformação em uma força única inteligente que se impõe a todas as outras e tem bastante discernimento para escolher, em todas as consciências e subconsciências, justamente o que precisava para demonstrar a fineza dos seus conhecimentos e de sua independência ao observador atento.

Por seu lado, o espírita moralista, imbuído de seu papel soberano na reforma desta pobre humanidade terrena, repudiará um processo que lhe parece pouco propício a longas dissertações filosóficas.

Muitas vezes, ao instar do cura da aldeia que vê em tudo as manifestações do Maligno, não verá nela mais que uma vulgar intervenção de espíritos inferiores se enfatuando na matéria.

É fácil de responder-se a cada um destas objeções.

Primeiramente, a ilusão e a fraude não resistem à observação um tanto firme do experimentador algo avisado, que se ampara em um controle suficiente.

Em segundo lugar, a existência de um fluido vitalizador e da telepatia são duas coisas que não serão contestadas por um pesquisador inteligente. Ele sabe, por experiência, que uma força psíquica, emanando de cada assistente, serve de veículo à vida e está submetida a leis já bem determinadas, que, se a telepatia irradia em torno de nós, ela não se limita apenas às fronteiras de nosso pequeno mundo terreno e se exerce ao longe com as inteligências independentes da matéria e que elas podem perceber vibrações e as responder por um processo análogo.

Em resumo, para um investigador espírita, a telepatia é um modo de comunicação consciente ou inconsciente entre todas as inteligências encarnadas e desencarnadas.

Passemos, enfim, à terceira objeção.

Se é preciso crer em certos espíritos, é verdade que as manifestações pela mesa estejam exclusivamente reservadas a entidades inferiores, ávidas por se comunicarem com os vivos?

De um modo geral, pode-se dizer que a qualidade dos fenômenos depende unicamente do valor do fim e do espírito de pesquisa dos experimentadores.

Aqui, o valor moral não pode ser confundido com a hipocrisia açucarada e o brilho que a educação dá.

Debaixo da máscara rude do trabalhador, encontram-se quase sempre mais honestidade profunda e bom senso do que sob o verniz do homem culto.

Quanto ao espírito de pesquisa, esse se caracteriza por uma perseverança e uma perspicácia inabaláveis.

É certo que a manifestação material reclama "ipso facto" a colaboração de entidades conhecedoras das leis e propriedades. Entre elas, há as elevadas e as inferiores.

Se queremos construir uma casa, uma catedral, precisamos de recorrer a "especialistas": pedreiros, carpinteiros, bombeiros, etc., colocados sob a direção de um empreiteiro e de um arquiteto.

Mas haverá sempre alguns malandros que se aproveitarão dos materiais acumulados para agir de acordo com a sua indelicada fantasia.

No caso que nos ocupa, se desejamos obter uma comunicação com o invisível por via material, devemos obter a colaboração de entidades capazes de se servirem dos fluidos exteriorizados.

Entre essas, haverá espíritos que usarão deles à sua vontade e são como os "vagabundos" do Espaço, que só poderão produzir manifestações desordenadas, muitas vezes malévolas, e são logo afastados por um organizador de sessões que apenas aceita a cooperação de entidades identificadas antes de tudo.

Do ponto de vista físico e moral, o que vem de ser dito implica então que algumas entidades espirituais elevadas podem (à maneira do arquiteto e do empreiteiro) colocar a mão na massa e organizar uma série de sessões demonstrativas com a colaboração de inteligências primárias e medianas de boa vontade, mais ou menos especializadas nesse gênero de trabalho.

De cima e de baixo da escala espiritual, todas as entidades conhecem a maneira de manipular a matéria e os fluidos que se desprendem dela, mas todas não têm a mesma disposição e o mesmo trabalho a executar segundo as suas próprias experiências pessoais.

São legiões as inteligências da erraticidade que desejam ardentemente se entregar à missão de nos provar que a morte é uma palavra vazia de sentido e nos trazer todas as provas desejáveis dela, de acordo com as suas possibilidades pessoais.

Para obter a colaboração efetiva dessas entidades, é preciso, porém, que os experimentadores, que as defrontam, tenham a alma aberta ao progresso e possuam um desejo sincero de se instruírem do ponto de vista espiritual.

O conhecimento não lhes é dado à maneira das Tábuas da Lei no monte Sinais, pois ele será o resultado dos seus esforços e da sua perseverança.

É por isto que se pode considerar o Espiritismo experimental como a pedra de toque da vontade.

Se vimos e tocamos com os dedos maravilhosos fenômenos, foram-nos precisos 15 anos de trabalhos pacientes e de ensaios infrutíferos.

Isto não quer dizer que não tenhamos sido gratificados, entretimentos, com manifestações extraordinárias em grupos organizados, mas é bem outro caso obter grandes fenômenos em sua casa, com novos sujeitos, em seu próprio meio, com todo o controle preciso.

Evidentemente, no decurso de nossos trabalhos, fenômenos menos importantes nos foram fornecidos pelo Além e nos levaram a ter paciência, mas o nosso caminho foi semeado de barrancos que nos forçaram a parar e a empregar bem as noções adquiridas.

Foram às perturbações dos espíritos inferiores, farsantes, travessos ou maus, que desempenham, no momento, o papel de freio, impedindo-nos de fazer novas aquisições antes da maturidade do senso moral do círculo dos experimentadores. Nisso, o organizador da sessão não é senão um entre os seus colaboradores, embora tenha por missão levar o seu grupo para o caminho do progresso. As experiências que nunca lançam uma claridade sobre o problema da existência, que acumulam erros, enganos, insultos, ameaças ou frivolidades, demonstram que os experimentadores não estão preparados para um estudo psicológico de certa profundidade ou que não querem seguir as recomendações mais elementares.

A este respeito, nas manifestações mais comuns, a mesa constitui um instrumento de detecção psicológica que permite revelar a causa inicial da perturbação e desvendar a mente subconsciente de um experimentador pelo estudo do caráter e das reações das entidades que o cercam.

Há um velho provérbio que diz que "a semelhança atrai os semelhantes".

Cabe então ao organizador da sessão procurar a pessoa a quem o comunicante se dirige e tomar as disposições morais que se impõem, tanto a respeito da pessoa em causa quanto à mensagem da entidade que se

manifesta.

As entidades boas buscam, de preferência, não o sábio, nem o fanático, mas simplesmente o homem de boa vontade, perseverante, em qualquer classe à que pertença.

3

Em busca de um médium

Até o presente vimos:

- que estamos mergulhados no Além como um peixe na água;
- que a fraude pode ser facilmente eliminada;
- que, para agir sobre a mesa, as entidades espirituais têm necessidade de utilizar-se do fluido vital emitido pelos médiuns e os experimentadores;
- que esses devem ser de boa vontade, isto é, abertos ao progresso espiritual;
- que a assistência espiritual depende de nossa bondade natural.

Resta-nos, pois, procurar o médium ou os médiuns que se achem em nosso meio familiar.

Para tal, é preciso sentar-se em torno de uma mesa de três pés e pedir às pessoas presentes para aí colocarem as suas mãos bem estendidas.

Certos experimentadores recomendam tocá-la com o dedo mínimo, embora eu pessoalmente nunca tenha reconhecido a urgente necessidade disso.

Depois de algum tempo de espera, cerca de meia hora, talvez mais, leves estalidos se fazem ouvir na madeira, depois a mesa se levanta às vezes sobre um pé ou sobre dois. O organizador da sessão se dirige então à força X que tende a se manifestar.

Até aí os movimentos verificados não permitem supor que se trate de uma entidade. Sua presença só será notada se o fenômeno se desenvolver e permitir uma identificação da personalidade comunicante.

Por identificação não é preciso entender apenas algumas indicações do estado civil, mas a narração imprevista de acidentes, de recordações bem pessoais na maior parte ignoradas dos assistentes, que não estão diretamente interessados na manifestação.

É a seqüência dessas identificações que nos autoriza a crer que há, na assistência, um ou vários sensitivos, médiuns tiptólogos, isto é, que produzem as manifestações por meio de batidas dadas na mesa.

4

O médium poderoso e o médium bom

No começo das manifestações, em um grupo em formação, raro é verificarem-se logo fenômenos que permitam uma identificação ampla das entidades que os produzem.

As manifestações são ordinariamente rudimentares e se limitam a alguns movimentos da mesa.

Entretanto, desde os primeiros fenômenos, notando-se a intervenção de uma inteligência, é permitido pedir-se ao operador desconhecido para fazer pender a mesa para a pessoa que lhe dá mais força. Isso indica o médium principal.

Pelo mesmo processo, podem-se conhecer as pessoas que favorecem a produção do fenômeno e que poderão, conforme o caso, ser empregadas, depois de um pouco de prática, como médiuns principais.

O sensitivo, que produz os movimentos mais fortes da mesa, indica que ele exterioriza muita força vital.

Não é senão pela qualidade útil das manifestações que se reconhecerá nele um bom médium de efeitos físicos.

5

Controles dos assistentes

Vem naturalmente ao pensamento de todo "não iniciado" que os movimentos da mesa são produzidos por movimentos inconscientes dos assistentes, quando eles ainda não pensam em uma fraude real.

A coisa é fácil de se certificar se se quiser ter o trabalho de estender sobre o tripé uma folha de papel liso, de bem grande dimensão.

Se se teve o cuidado de colocar as mãos dos experimentadores sobre pedaços de papel igual, que deslizem em cima da mesa, lhes será bem difícil, senão impossível, fazê-la mover do modo habitual.

Isso não pode evidentemente fazer-se senão quando o médium principal estiver suficientemente desenvolvido.

Esperando, a fim de evitar uma pressão involuntária sobre a mesa, da parte da pessoa a quem se dirige a comunicação, o que falsearia o resultado da experiência, é bom pedi-la para colocar as mãos sobre as dos vizinhos imediatos ou retirá-las.

E o mesmo farão todas as pessoas que conheçam a entidade que se apresenta ou ouviram falar dela.

Da mesma maneira, o crítico não poderá colocar o fenômeno na conta de automatismo psíquico, pois que todos os outros assistentes nada conheciam do que se ia passar.

O controle sumário, de que se trata aqui, deverá desenvolver-se no decurso das manifestações que se realizarem na obscuridade. Ele constituirá então no emprego de borboletas fosforescentes, de braceletes ou de faixas luminosas sobre a cadeia das mãos e dos pés, etc.

6

Tiptologia (linguagem das batidas) por movimentos da mesa

No começo, certos assistentes sentem como um calafrio, que é o prelúdio do movimento da mesa.

Essa parece fazer esforços para soltar-se. Uma vez balançada, é fácil pedir, em alta voz, que a inteligência, que a manipula, se faça conhecer, ditando o seu nome por meio de pancadas com o pé da mesa.

Explica-se-lhe que uma pancada significará o A, duas pancadas o B, três o C e assim por diante as diferentes letras do alfabeto, bem como que uma pancada, depois de uma pergunta, quer dizer "sim" e duas "não".

Por tal meio, as letras são registradas e depois reunidas em frases. Uma mensagem mediúnica é assim obtida.

7

Ao crítico

Se for preciso pedir às entidades para narrar recordações pessoais, dai crédito à sua boa vontade e, se elas se enganam, esperai por novas experiências, antes de vos pronunciardes a respeito.

Essa maneira de agir é mais suave, sem exigir uma credulidade exagerada.

Que a vossa tendência à crítica não seja doentia e não exija o máximo de provas imediatamente, considerando que não conheceis as dificuldades inauditas que encontra o vosso interlocutor para vos satisfazer.

É um simples experimentador, como vós e eu, e isso é preciso nunca se esquecer se não quereis desencorajar-vos na pesquisa.

A este propósito, o que me deu uma grande satisfação foi de não querer

dirigir as manifestações segundo as minhas próprias vontades e nada exigir. Agindo assim, permitis à entidade fazer a escolha das provas que lhe convenham melhor para vos convencer.

8

Tiptologia íntima

Muito convincente é a tiptologia íntima, porquanto ela parece provar mais a independência do fenômeno em relação ao médium.

Na tiptologia íntima, as mãos são igualmente postas sobre a mesa, porém as pancadas se fazem ouvir na madeira, sem que haja qualquer espécie de movimentos.

Essas pancadas, às vezes bem fracas, outras vezes bastantes fortes, são capazes de seguir um ritmo, de ditar palavras. Para evitar qualquer suspeita, vigiai para que os pés não toquem as travessas do tripé.

9

Identificação

Passados os primeiros momentos de curiosidade, é preciso pedir o nome da entidade que age e o da pessoa a quem, ela se dirige.

Assim será possível verificar-se logo se as indicações seguintes são aceitáveis.

As perguntas, que provam a entidade, são as mais variadas: prenomes dos pais, dos filhos, datas do nascimento e do desencarne, pequenos incidentes pessoais que figuram na vida da entidade, etc., etc.

A fim de evitar-se delongas inúteis, esses incidentes podem ser resumidos em uma ou várias palavras que sejam traços de luz para o interessado.

As vezes é aconselhável deixar a entidade ditar o que lhe aprouver, se não se tem um objetivo bem determinado.

Em todos os casos, um pequeno incidente parece insignificante e remoto, bem como pouco digno de ser anotado, todavia é notável e demonstrativo para a pessoa a quem se dirige.

10

Informações sobre o Além

Uma vez estabelecida a identidade do espírito, só então se lhe pode pedir algumas informações sobre o seu modo de vida, acerca da sua maneira de pensar e agir, a respeito do que verificou no mundo espiritual e quem ali encontrou.

É preciso, porém, notar que as informações só representam opiniões pessoais que só têm autoridade quando confirmadas por outras entidades que se manifestarem por outros médiuns (análise comparada) e forem submetidas às mesmas condições de controle preliminar durante a mesma sessão.

11

Identificação de entidades desconhecidas dos assistentes

Não é raro que entidades completamente desconhecidas dos médiuns e dos experimentadores se comuniquem igualmente pela mesa.

Nesse caso, é bom não dar nenhum valor às suas declarações, enquanto as averiguações para a sua identificação não tiverem sido levadas a fundo e sido satisfatórias.

Aconselhamos, sobretudo, os principiantes a não fazerem nenhuma tentativa, muitas vezes infrutuosa, junto às pessoas designadas, antes que o

controle não tiver sido completo.

Visitas a amigos ou parentes do pretense morto dariam lugar a zombarias e a reações desagradáveis de pessoas hostis ou prevenidas contra o Espiritismo.

É fácil aos mistificadores do Além desencorajar os experimentadores que se deixarem levar pela sua lábia.

Em geral, as sessões orientadas por verdadeiros guias dão bons resultados e decorrem em ordem.

Elas devem começar na hora marcada e terminar sempre no momento indicado pelo presidente da sessão, por razões que ele bem conheça.

12

Afastamento de entidades anônimas, malfazejas ou frívolas

É pela doutrinação sempre renovada e a identificação conjugadas que se chega a eliminar as entidades que perturbam as sessões e não almejam nenhum fim útil, quer para elas mesmas, quer para os vivos de nosso mundo.

Para elas próprias: vindo procurar, em um meio adequado, um asilo, um auxílio, uma palavra confortadora, um conselho esclarecido, uma prece, ao exprimirem os seus pesares e os seus queixumes.

Para os vivos: fornecendo provas da sobrevivência delas, submetendo-se a experiências demonstrativas dos seus poderes sobre a matéria, assim como as suas faculdades espirituais de clarividência.

A doutrinação, para ser válida e operante, só deve ser aplicada às entidades que queiram progredir, dar provas das suas personalidades.

Se não for assim, arrisca-se a ser joguete de espíritos farsantes ou comediantes, que abusam da boa-fé do experimentador.

Eles lhe fazem perder o tempo e, por acréscimo, o enganam e desencorajam se o experimentador não tiver um caráter bem temperado.

Temos observado sempre que é reclamando constantemente provas numerosas de identidade que temos podido despistar entidades malévolas e afastá-las de nossas experiências.

Quando a sua má-fé é verificada, demonstrada, uma doutrinação breve, mas enérgica, lhes deve fazer compreender que não se foi enganado e que lhes seria melhor seguir o caminho do bem que é sempre o que dá mais frutos, levando em consideração que a verdadeira moral é o sentimento do coração.

13

Ingerência dos espíritos em nossa vida

Não devemos esquecer-nos de que as entidades, que se apresentam a maior parte do tempo de duração dos fenômenos físicos, deixaram há pouco o estado de perturbação que segue logo à morte.

Elas estão, nem mais nem menos, no nível do homem comum. Têm as suas prevenções, as suas fraquezas, os seus temperamentos multiformes, as suas paixões.

Algumas dentre elas aceitam a direção de um guia espiritual, mas não deixam de conservar certa liberdade de ação.

É no exercício dessa liberdade que elas podem tornar-se perigosas para as pessoas crédulas que pensam que a sua disposição de espírito lhes confere a mais alta elevação de vistas.

Sinceras elas podem ser, como acontece cá em baixo quando se pode enganar com toda a sinceridade. É por isso que não lhes queremos atribuir nenhuma intenção malévola.

No Além, como na vida terrestre, são as reações dos indivíduos entre si que provocam pensamentos-forças desarmônicas.

Quando as circunstâncias o permitem, elas se imiscuem diretamente em nossa vida, censuram uns e apóiam cegamente os que lhe são favoráveis.

Em geral, essas espécies de espíritos se metem em tudo e com todos e prejudicam muito mais quando não corrigem as relações entre os habitantes da Terra.

É, em suma, toda a vida terrena que se perpetua nas esferas inferiores do Além, caracterizadas pela forte personalidade dos espíritos que as compõem.

Em conseqüência, quando das manifestações espíritas, o experimentador prevenido deve impedir a intromissão desses espíritos nos casos pessoais, o que deve fazer de um modo patente ou indireto.

O presidente da sessão deve precaver-se contra a fraqueza de certos espíritos pelos modos e gestos do médium preferido deles. Coisa natural de qualquer sorte, porque acreditam proteger, assim, o seu intérprete. De fato, uma espécie de acordo tático existe entre o espírito e o médium em certa comunidade de idéias. Muitas vezes, uma entidade inferior cai sob a sujeição de um médium de vontade forte e decidida, mas, se nem um nem outro sabem se desembaraçar a tempo de tal parceria. achar-se-ão ligados. por certo tempo, no mesmo círculo de provações.

O parceiro terrestre, especialmente, se quiser escapar a esse perigo, deve habitualmente confrontar os conselhos do Além com os preceitos evangélicos.

Muitas vezes a humanidade é vítima dela mesma pelo fato de os seus membros não terem bastante sabedoria para se elevarem acima das mesquinhas ordinárias da vida e reagirem espiritualmente pela prece e uma confiança absoluta na Sabedoria Divina. Como uma boa maioria dos homens, tais espíritos não possuem a mesma prudência.

Considerando que nós lhes somos úteis ou indiferentes, os espíritos agem diferentemente. Eles fazem, de qualquer modo, parte de nossa escolta e constituem um formidável exército de partidários, espíritos na maior parte simpáticos, que compartilham de nossas questões como de nossas alegrias.

Mas, dir-se-á, se os espíritos não podem ocupar-se de nós, dando-nos

as suas opiniões sobre os nossos atos, para que pode servir o entretenimento de relações com eles?

Aqui é necessário fazer uma distinção.

Se solicitamos a apreciação deles, não nos lastimemos se essa não nos satisfazer.

Não acontece o mesmo quando o espírito intervém por sua iniciativa, procurando regradar a nossa vida de acordo com a sua própria mentalidade.

Nessa ocasião, é bom levá-lo a mais circunspeção e pedir-lhe para se limitar a fornecer conselhos morais de ordem geral, respeitando o livre-arbítrio das pessoas ou produzindo fenômenos unicamente materiais.

Se é verdade que a linha traçada pelos espíritos superiores deve ser suficiente para nos servir de guia no labirinto da vida, a opinião material de um outro é de pouco valor quando tivermos posto em atividade todos os nossos esforços, toda a nossa paciência, todas as nossas faculdades.

Ao contrário, as manifestações espíritas, estudadas com desinteresse, podem levar-nos a uma mais ampla compreensão da vida.

Não significa nada, em nosso incrédulo século, recolher provas da sobrevivência? Não significa nada aprender as melhores condições da vida depois da morte quando todos nós um dia voltaremos a ela? Não quer dizer nada o saber que nosso pensamento não se perde na imensidão, que nossa prece é recolhida piedosamente pelas almas elevadas, que nosso bem-estar espiritual é a constante preocupação deles, que não estamos abandonados, como condenados, no meio de um inferno sem saída?

O estudo dos fenômenos espíritas constitui, por si só, um complemento precioso no domínio da psicologia humana, considerado na evolução geral, terrestre e supraterrrestre.

Assim considerado, o Espiritismo não tem nada de comum com a necromancia e se torna um instrumento de aperfeiçoamento moral, de libertação espiritual sob o controle da vontade, da razão e da espiritualidade do indivíduo.

14

Doutrinação

Para colher bons frutos, a doutrinação deve ser natural, isto é, apoiar-se em fatos vividos e em uma afetividade inigualável.

É preciso falar à entidade como se falaria a um amigo íntimo, em um tom fraternal, mas firme.

A doutrinação de um espírito deve repousar-nos seguintes princípios:

1. Amar o seu semelhante;
2. Perdoar tudo e sempre;
3. Reparar os erros cometidos contra o próximo;
4. Ser indulgente e dar tempo a outrem para esclarecer-se sobre os meios a empregar para evoluir;
5. Não julgar ninguém diante de outras pessoas;
6. Fazer todos os esforços para se desprender dos bens materiais que o prendem ao ambiente humano;
7. Elevar seu pensamento ao Criador e pedir a assistência de um espírito evoluído (guia), de quem se aceita, antecipadamente, os conselhos.

15

O guia espiritual

Abandonado a si mesmo, o espírito, que se arrepende, não poderia fazer nada ou muito pouco.

É por isso que a intervenção de uma entidade evoluída ou guia é necessária. É para ele um amigo, um pai, um professor, que lhe ensina o que deve fazer para ser feliz na vida espiritual.

Deixando de lhe seguir os conselhos, cai ele em um estado de perturbação dolorosa e nos mesmos erros que o arrastarão para o ambiente

terreno rumo a uma reencarnação expiadora. Tal acontecerá inelutavelmente, segundo as leis divinas e em condições infelizes em que o espírito terá de suportar o choque de retorno de seus maus pensamentos e de suas ações nefastas até o momento em que desejará desfazer-se de seus delitos e penetrar no caminho do progresso.

16

Condições essenciais que favorecem os resultados de uma sessão espírita

Suponhamos que as condições exteriores da sessão estejam estabelecidas: boa disposição e repouso dos assistentes, temperatura agradável da sala, tranqüilidade, etc.

Na maior parte dos casos, os assistentes de uma nova sessão, que se organiza, são ignorantes ou pouco sabem do que diz respeito ao Espiritismo.

A harmonia dos pensamentos deve realizar-se em torno de um sentimento legítimo de curiosidade.

Tal harmonia, se chegar a manter-se, será fonte de belas manifestações.

Comumente, obtidas as primeiras satisfações, as opiniões dos experimentadores se dividem sobre as causas que produzem o fenômeno.

Pouco a pouco o espírito crítico retoma os seus direitos.

A partir desse momento, a harmonia, tão desejável, se desagrega, as forças emitidas pelos médiuns se dispersam como folhas mortas ao vento anunciador da tempestade e os resultados delas são pouco mais ou menos nulos.

É preciso, em tal momento, um grande esforço de conciliação da parte de cada um, uma atitude nitidamente positiva para recuperar o bom entendimento desaparecido e as boas sessões perdidas.

Finalmente um campo de conciliação é encontrado, de acordo com a

opinião da maioria dos experimentadores, e a harmonia se restabelece às vezes sobre um plano menos benévolo e toma um rótulo qualquer: moralista, religioso ou científico.

Os choques de opiniões contraditórias desaparecem.

17

O bom humor

Muitas vezes o bom humor de todos produz facilmente a união de todos os pensamentos, tão difícil de obter pela discussão filosófica ou científica.

Uma alegria de bom quilate, ao abrigo de um misticismo inútil e severo, dá a todos os assistentes à faculdade de se expandir em proveito dos outros, na condição de aceitar a disciplina de toda assembléia organizada.

Uma simples advertência do presidente da sessão, no início dos trabalhos, basta para restabelecer a ordem em um dado momento.

As pessoas, que não admitem a maneira de ver dos outros experimentadores, agiriam melhor se se retirassem da sessão e organizassem uma outra de conformidade com a sua própria mentalidade.

Os resultados positivos serão os únicos a demonstrar se estavam errados ou não em perseverar em sua maneira de ver.

18

Preparação espiritual da sessão

Os novatos, que não têm habitualmente uma concepção muito clara do papel de experimentador, fazem uma sessão como se organizassem um jogo de divertimentos. Sentam-se à mesa com a esperança de ver algo de

divertido ou de maravilhoso.

O bom humor, que preside a essa espécie de reuniões, põe todo o mundo em boas condições de exteriorização fluídica, o que faz com que os resultados dela sejam os mais encorajadores no começo, mas essas mesmas condições os impedem de levar a coisa a sério. As experiências interessaram um dia, depois se desvirtuaram para seguir o ramerrão da vida diária. A primeira curiosidade foi satisfeita e não se pensa mais nela.

Se, por acaso, alguém deseja continuar as suas investigações, achar-se-á habitualmente sem colaboradores devotados. É preciso então parar e se resignar a não experimentar mais.

E espanta-se em seguida que o mundo espiritual faça tão poucos esforços para nos apresentar as provas indubitáveis da sobrevivência!

As tentativas mais duradouras são empreendidas com pessoas provadas pela adversidade ou que perderam um dos membros de sua família, mais tais pessoas às vezes se entregam profundamente à tristeza pelo fato de não crerem na sobrevivência ou não conceberem a existência ativa dos que a deixaram por algum tempo, ficando desencorajadas e não fornecendo senão pouco ou nenhuma força psíquica. Elas se acham comumente em uma posição de expectativa pouco propícia a experiências.

Para pôr as coisas em andamento, seria preciso obter a colaboração de pessoas que, tendo lido obras espíritas e se entusiasmaram com a doutrina que se desprende dos fatos, aspiram fortemente a esclarecer-se e desejam procurar a última consolação para aqueles que choram.

Contrariamente às anteriores, essas pessoas dinâmicas por natureza cooperam eficazmente para o bom êxito da sessão.

Para conseguir uma boa harmonia de pensamentos, aconselha-se um recolhimento sério, uma prece silenciosa pelas almas dos desaparecidos.

Sério não quer dizer triste, nem abatido por pensamentos deprimentes ou um desespero mudo por não se acharem mais em contato permanente com os que amaram.

Ao contrário, o bom humor, fonte de otimismo, é necessário, porque

ele é, em resumo, a expressão da confiança mais completa na Providência, que sabe melhor do que nós o que nos convém.

A sessão espírita é o momento de unir os corações em uma mesma comunhão de pensamentos.

No fim da reunião, quais que sejam os resultados dela, é normal inclinar-se perante a Vontade Divina e agradecer o auxílio concedido.

19

Exemplos de preces

As fórmulas seguintes não são invariáveis. Cada um pode exprimir a mesma coisa de acordo como o seu temperamento e o seu preparo intelectual.

Elas podem ser mais curtas e constituir uma oração jaculatória que parte como um flecha em direção ao Criador, em virtude de forte emoção.

As preces mais ardentes são, por conseguinte, as melhores, porque elas traduzem mais fortemente o nosso estado dalma.

Antes da Sessão

Prece a Deus

"Meu Deus, Vós que conheceis os nossos mais íntimos pensamentos, sabeis que os nossos corações estão cheios de uma confiança ilimitada em Vossas infinitas qualidades de poder, de justiça, de bondade e de misericórdia. Nada acontece sem a Vossa permissão. Permiti-nos, antes do início de nossos trabalhos, invocar o Vosso augusto nome, pois bem sabeis que o nosso único fim é o da pesquisa da verdade que nos aproxima de Vós, Verdade Suprema.

Abençoai os nossos esforços, secundai os nossos trabalhos e permiti que eles tenham um resultado capaz de nos fazer avançar no caminho que

seguimos para Vossa maior glória e progresso de nossos semelhantes.

Nós glorificamos o Vosso nome e submetemos os nossos desejos à Vossa santa vontade."

Depois de uma boa sessão

"Nós agradecemos a Deus e aos bons espíritos que se dignaram de nos assistir em nossos trabalhos e lhes pedimos para dispor os nossos corações à misericórdia e nos preservar do orgulho e da vaidade.

Que eles esclareçam os espíritos atrasados sobre as imperfeições que os afastam da felicidade espiritual e nos amparem a fé, a esperança e a caridade."

Depois de uma sessão nula

"Meus Deus, nós nos inclinamos diante de Vossa vontade e Vos suplicamos nos ampareis no prosseguimento de nossas experiências.

Que a Vossa luz nos ilumine os corações e nos mostre as razões de nosso insucesso.

Glorificamos o Vosso nome e confundimos os nossos desejos em Vossa santa vontade."

20

Horas das sessões

A hora mais própria para as reuniões é ao cair da noite, quando tudo está mais calmo, a agitação do dia diminuiu, os nervos se distendem e as almas se recolhem mais facilmente para a prece e o apelo aos invisíveis.

Para os inexperientes, porém, todas as horas do dia servem para as experiências.

O corpo repousado está sempre pronto para o esforço que reclama a exteriorização mediúnica e o seu resultado depende do grau de emotividade da assistência. É assim que o hábito de fazer sessões seguidamente enfraquece o desejo de entrar em comunicação com o mundo espiritual, cujas manifestações são essencialmente variáveis.

É o que nos permite dizer que as reuniões feitas sem um fim afetivo arriscam-se a degenerar e a cair na banalidade.

21

Impregnação psíquica

De certos indivíduos emana um odor sul generis que se liga fortemente aos objetos que os cercam.

Esse odor, pesado e penetrante, dura às vezes vários dias e semanas, permitindo assim identificar a passagem ou a presença da pessoa de quem ele exala.

Tal verificação faz compreender, por analogia, o que se passa no domínio psíquico, em que o médium, exteriorizando um fluido semimaterial, deixa sobre as coisas que o cercam um pouco de suas irradiações.

A mesa, em contato direto com o sujet psíquico, impregna-se então desse fluido e o conserva durante um tempo bastante longo.

Esse é o resultado de uma observação empírica. Já se observou que uma mesa, que nunca foi utilizada para experiências psíquicas, tem mais dificuldade que uma outra em se pôr em movimento.

Além disso, os objetos destinados ao deslocamento sem contato movem-se mais facilmente à distância do médium, quando esse os teve antes nas mãos, durante algum tempo.

Tudo se passa como se a mesa e os objetos estivessem impregnados de um fluido real, ligado ao médium por partículas ou fios invisíveis.

Em todos os casos que tal aconteça desse modo ou de outro, é útil para o psiquista utilizar sempre os mesmos objetos, os colocar um certo tempo em contato com o sujet mediúnico e realizar a sessão em um local que já serviu ao mesmo gênero de experiências.

22

Como libertar um médium caído em transe ou em letargia

Acontece às vezes que um médium, no uso de suas faculdades, seja "tomado" por uma entidade ou caia em letargia. Tal não é o fim da sessão de mesa, que reclama que cada um esteja no estado de vigília e bem consciente.

O médium deve então ser libertado da seguinte maneira, inspirada nas práticas magnéticas: 1) fazer passes transversais com ambos os braços (as mãos indo da esquerda para a direita e inversamente acima da cabeça e do peito) como se arrancasse um fluido espesso que envolvesse o médium; 2) soprar, com força, sobre os olhos, para fazer cessar o sono magnético; 3) no caso de falta de conhecimentos do experimentador, refrescar o rosto do médium com um pano molhado em água fria, para provocar uma reação nervosa; 4) se a desincorporação for muito lenta, chamar o médium pelo seu prenome e lhe ordenar que retome plena posse dos seus órgãos.

É de se notar que é a firmeza, em sua convicção, que permitirá ao experimentador emitir uma força psíquica tal que se imporá ao sujet. Não seria mau de se exercitar antes em fazer um médium em transe desincorporar uma entidade, numa sessão organizada sob a vigilância de um chefe de sessão experimentado.

23

Renovação das sessões

Os primeiros bons resultados de uma sessão entusiasmam os principiantes, que renovariam as suas tentativas em cada oportunidade e várias vezes por semana, pois não consideram que as experiências esgotam pouco a pouco a reserva das forças psíquicas disponíveis no sujet e não deixam ao corpo o tempo preciso para produzir outras delas.

Sem que percebam, eles gastam os fluidos que lhes são necessários ao conjunto indispensável à vida. O médium emagrece, sente-se fatigado, abatido. Esse é um sinal certo de um excesso a suprimir, com a suspensão temporária das sessões.

Convém então, no começo, só fazer uma sessão de duas horas no máximo, por semana, e, se preciso for, de quinze em quinze dias. Isso depende, evidentemente, do estado de saúde do sujet e dos seus recursos nervosos.

Assim compreendidas, as sessões de mesa não podem causar nenhum mal. Ao contrário, o fato de doutrinar as entidades inferiores, que poderiam manifestar-se, alivia, consideravelmente, a atmosfera psíquica do médium, que se sente muito melhor depois da experiência.

24

Luz ou obscuridade

Para as sessões de mesa, não é preciso recorrer à obscuridade, todavia, as primeiras manifestações são facilitadas quando a sessão é realizada com uma luz mortiça pelo fato de a luz dissolver, de qualquer forma, as forças psíquicas aglomeradas (poder actínico da luz).

A obscuridade é favorável, mas ela não permite um controle suficiente

para os experimentadores não treinados, sobretudo quando não estejam munidos de lanternas, borboletas e braceletes fosforescentes ligados aos punhos, às pernas e aos peitos dos assistentes.

Certas sessões são feitas com luz vermelha, cujo poder desagregador é menos pronunciado do que o da luz branca, entretanto, para as pessoas que se querem convencer da veracidade dos fatos, a luz branca é nitidamente preferível porque não desperta nenhuma suspeita.

É, em virtude do que precede, que recomendamos aos obsedados, pela atuação constante de um espírito inferior, que não durma senão em quarto fracamente iluminado.

25

O guia das sessões

A força de experimentar no mesmo domínio percebe-se que certas entidades dispõem de conhecimentos especiais e dirigem os fenômenos com facilidade.

Com elas, os resultados são muitas vezes probantes e positivos. A simpatia, que as une comumente a um membro qualquer da assistência, as aponta muito especialmente à nossa atenção.

É claro que se tem muitas vezes recorrido a elas para que assumam o papel de intermediárias entre nós e as entidades pouco evoluídas ou recentemente desencarnadas, às quais é preciso certo tempo para ficarem conscientes de seu novo modo de vida e, quando chegam a se manifestar, é uma verdadeira experiência que tentam.

É às mais evoluídas que se dirige o nosso pedido de auxílio e são elas que constituem a falange dos guias da sessão.

Guia, da sessão experimental não quer dizer guia espiritual, que é habitualmente superior ao primeiro. Há entre eles a diferença existente entre o enfermeiro e o médico.

No fim de certo tempo dos trabalhos, a mentalidade do guia da sessão evolui. Pouco a pouco, pelos seus conhecimentos e o seu devotamento, adquire, de certa forma, um grau superior e acaba por não se manifestar mais no plano físico.

Um outro o substitui, mas, de longe em longe, ele se manifesta ainda para mostrar aos seus antigos protegidos que não os abandonou. Ele se coloca então em uma espécie de clarividência moral e compassiva que não nos dispensa, contudo, do estudo lógico e racional de suas comunicações para evitar qualquer intrusão nefasta.

Apesar do guia da sessão e o guia espiritual, o experimentador deve ter a mente sempre alerta a fim de distinguir a verdade da impostura.

É por isso que só aconselhamos a experimentação às pessoas de mente lúcida e decidida.

26

Adivinhação pela mesa

Os experimentadores, que sabem por ouvir dizer que as entidades espirituais, em virtude de seu maravilhoso poder de telepatia e clarividência que possuem quando livres de seu corpo material, gozam de faculdades mais desenvolvidas do que as nossas, pensam que todos os espíritos são capazes de prever o futuro e de nos apontar o caminho a seguir.

O que parece validar tal hipótese é que os espíritos inferiores, isto é, os menos aptos a esse gênero de trabalho, não têm o menor escrúpulo em responder a todas as solicitações dessa espécie e fazem muitas previsões extraordinárias que abalam momentaneamente o nosso cepticismo.

Durante os grandes cataclismos mundiais que nos atingem profundamente, essas mesmas entidades não deixam de dar-nos um reflexo de nossas esperanças e de nossos temores. Isso fazendo, são muitas vezes

elas próprias vítimas de uma ilusão.

As vezes, também, elas mentem descaradamente, com alguma aparência de honestidade profunda. E os espíritos inferiores abundam em nosso planeta.

Os superiores, ao contrário, são muito circunspetos e sabem que divulgar o futuro, isto é, as provações e as alegrias que nos aguardam, entrava o jogo de nosso livre-arbítrio e nos arrebatava o mérito do esforço voluntário e consciente.

Eles se calam ou deixam entrever o que se passará, sob o véu de uma alegoria ou um símbolo, deixando a cada um a liberdade de exercer sua perspicácia de acordo com o seu grau de evolução psicológica.

Em geral, recomendamos não se tentar esse gênero de experiência, tanto mais que os novatos não têm uma atitude bastante positiva e científica para com as revelações que lhes são feitas.

Apesar disso, acontece bastas vezes que um dentre nós não deixe de se pôr na ponta dos pés para tentar ver além do muro que nos oculta o futuro.

As entidades inferiores aproveitam-se dessa curiosidade bastante legítima para nos anunciar, mesmo sem serem solicitadas, os mais sensacionais acontecimentos.

Na verdade, a base da pesquisa espírita não reside nisso. Ela se situa na pesquisa das provas das sobrevivências e das melhores condições da vida espiritual, pondo, sob reserva, tudo o que não for logo controlável ou que não resista ao exame da análise comparada.

Esperar pacientemente é muitas vezes evitar ser enganado.

Tenhamos sempre em mente que aquele que faz o bem, alcançará o bem cedo ou tarde.

Esforcemo-nos, portanto, para a realização de uma vida digna, honesta e conscienciosa, sem buscar esquivar-nos às nossas responsabilidades e colocá-las na conta de entidades muitas vezes incontroláveis.

27

O pensamento do presidente da sessão pode provocar e condicionar o fenômeno?

Que o pensamento de um experimentador influa sobre o resultado da sessão ninguém duvida disso, pois que, a todos os momentos, as entidades reclamam uma harmonia de pensamentos.

Assim é que um pensamento contrário, mais do que outro, age sobre o fenômeno. Quanto a dizer que uma única vontade humana possa condicionar o resultado de uma sessão, longe disso, tanto mais que não é raro que, apesar de nossa expectativa e nossa boa vontade, nada se produza às vezes.

Acontece também que, sem nenhuma preparação, um fenômeno inteligente se produza espontaneamente.

Que responderia um detrator diante de uma declaração espiritoide cuja origem foi confirmada pelo controle e que é inteiramente desconhecida da assistência ou se a inteligência a identificar é hostil aos assistentes?

São casos a que temos assistido e que confirmam a nossa certeza na presença de uma entidade espiritual.

28

Erros da comunicação com o outro mundo

Os erros da comunicação com o Além provêm quase sempre da falta de prudência do experimentador que se esquece, no começo da experiência, de buscar antes provas tangíveis de personalidade e de identificação.

Sem essa precaução, por que se lastimar de erros registrados, por irreflexão, como realidades patentes?

E ainda não se deve aceitar as declarações de uma entidade senão com cautela, sobretudo se as perguntas formuladas dizem respeito a coisas materiais.

O fato de solicitar um conselho para um enfermo não o coloca ao abrigo do erro, porque a experiência é influenciada pela interferência dos pensamentos dos assistentes e principalmente do médium.

Não nos esqueçamos, de outra parte, de que, para se comunicar, um espírito tem necessidade de preparar a sua intervenção para que o seu sujeito esteja em condições de transmitir os seus pensamentos, pois as perguntas "sobre o vivo" se arriscam então a ser mal compreendidas ou mal respondidas.

Um médium espírita só pode agir, com certa segurança, com um apoio psicométrico.

29

Por que Deus permite que se seja enganado em um assunto tão sagrado como a morte?

Esta pergunta decorre da crença habitual de que a vida espiritual está isenta de qualquer mancha.

Ora, nós já temos verificado e verificamos todos os dias que lá no alto é como aqui em baixo. A morte não suprimiu, como por um golpe de varinha mágica, os defeitos dos humanos. Eles são "do outro lado", o que eram antes aqui na Terra.

Aliás, se se refletir que não há um mundo reservado especialmente à espiritualidade, admitir-se-á que todo o Universo está em Deus e que Deus está em tudo.

Em conseqüência, o estado mais inferior (o da matéria) é chamado a espiritualizar-se e a calcar a sua organização sobre a dos estádios mais avançados.

Se Deus permitisse, constantemente, que um espírito mais adiantado impedisse o mal no mundo espiritual, se Ele o autorizasse, a todos os momentos, a interpor-se entre o mau e o bom, onde estaria o esforço deste último, onde se acharia o seu mérito?

Ora, todo o mundo sabe que nada se adquire bem, nada se grava em nós, sem o esforço pessoal.

É somente quando tivermos suportado os ataques de nossos adversários, os seus embustes e as suas injustiças, que compreendemos a melhor maneira de viver.

Isso não quer dizer que o pesquisador seja abandonado às suas únicas forças, pois os espíritos evoluídos estão lá e constantemente o reanimam e o sustentam em sua marcha para diante. Mas tal se faz de um modo discreto e oculto, se pela nossa fé em Deus temos o cuidado de volver os nossos olhos para Ele.

Assim, pomo-nos em harmonia com o resto do universo.

Tal não se faz de um só golpe, mas é preciso saber provar que permanecemos bons na adversidade e perseverantes no trabalho, honestos com o nosso próximo.

A prova é bem a pedra de toque que sustenta o homem verdadeiramente bom.

30

Interrupção do fenômeno. Por quê?

Há a notar que, depois de uma série de experiências felizes, um período de interrupção de impõe aos experimentadores.

Por quê?

Nada, entretanto, parece mudado nas condições da sessão. As pessoas são as mesmas e iguais são o calor da sala de reunião, o número e a mentalidade dos assistentes, a iluminação, o estado higométrico da

atmosfera, o silêncio.

O que pode variar mais facilmente e à revelia do presidente da sessão é o estado de espírito da assistência os casos íntimos que perturbam o sujeito, a agitação emocional de um membro da reunião.

Talvez que vários dentre eles se tenham tornado indiferente ao fenômeno, que se repete sempre.

Sim, mas talvez reste uma lição filosófica a extrair dele e que foi omitida: o tempo que é dado para refletir.

Tivestes acaso a preocupação de doutrinar a entidade que se apresentava com insistência, mas com uma bagagem moral bastante precária? Explicastes-lhe, caridosamente, o fim superior de vosso trabalho? Fizestes dela um colaborador eventual? Mereceste ir mais adiante no conhecimento das coisas pela aplicação da doutrina moral que resulta das vossas experiências?

Nessa interrupção não se trata provavelmente senão de uma paralisação momentânea que vos deixará o campo livre desde que cumpristes o vosso dever de caridade.

Quando de uma interrupção que já durava um mês, para nosso grande desapontamento, o guia moral de nossa sessão interviu, depois da doutrinação do intruso, para nos anunciar o fim de nossa pequena prova. Ele mesmo fora obrigado a ceder o lugar para que pudéssemos cumprir o nosso papel de doutrinador espiritual.

À nossa censura velada lhe perguntando por que não nos havia prevenido do que ia produzir-se, tanto mais que ele nos havia deixado perder um tempo precioso, nos respondeu: "Já sois bem grandes para caminhar sozinhos."

Tratava-se, em suma, de uma lição de perspicácia que se nos havia oferecido e que o nosso guia permitira.

Desde então não nos esquecemos mais deste ponto essencial do Espiritismo. A caridade precede o conhecimento espiritual. Este só se opera pelo amor, que é a base de nossas pesquisas.

Os espíritos vêm-nos fisicamente?

As sessões de mesa demonstram facilmente aos investigadores que as entidades, que se manifestam nesta classe de fenômenos e das quais eles obtêm as provas de identidade, vêm no mundo físico que habitamos.

O que o prova são os movimentos coordenados da mesa na obscuridade, a facilidade e a precisão com as quais as inteligências de além-túmulo chegam a apontar o lugar de um certo objeto (retratos, flores, quadros, etc.), em uma relação qualquer com o pensamento deles.

Observa-se, todavia, muitas vezes, que as entidades percebem certas coisas e não outras, que estão ao seu alcance e que todos daí sessão conhecem perfeitamente.

É preciso concluir dessas verificações que a faculdade de percepção dos espíritos é limitada quando eles se manifestam em nosso plano.

Tudo se passa como se os espíritos estivessem mergulhados em um meio etérico muito sutil, que se torna cada vez mais denso e espesso quando eles se acham em contato com a Terra.

Na realidade, parece que, quando se aproximam de nós, mergulham em fluidos mais grosseiros, à semelhança de um vaso lodoso no fundo de um poço, onde dorme uma água tranqüila.

Esses fluidos pesados são, de certo modo, a emanção psíquica de nosso mundo, sobre o qual o pensamento deles tem grande poder ideoplástico.

Isto posto, compreender-se-á que o pensamento de um ser inteligente, dotado de grande força de vontade, possa manejar, de certa forma, esses fluidos semimateriais e lhes dar propriedades determinadas.

Por outro lado, o de um outro ser inteligente (espírito ou assistente) pode destruir o que o primeiro quis concluir. Em tal momento, o choque dos dois pensamentos em desacordo provoca uma espécie de turbilhão,

onde se misturam fluidos claros e fluidos semimateriais.

A perturbação que resulta daí é facilmente compreensível. Dir-se-ia que um nevoeiro envolve o espírito de todas as partes, impedindo-o de ver e de agir.

Segue-se daí que a alta qualidade moral e psicológica do meio psíquico, em que o espírito deve manifestar-se, influi, em grande parte, no bom êxito da experiência pelo fato de as entidades hostis e contrariantes não acharem, na sessão, pessoas crédulas e pouco perspicazes que aceitem cegamente uma manobra desleal.

O que acabo de dizer decorre, naturalmente, de observações experimentais. Submetemos algumas delas aos nossos leitores, prevenindo-os de que qualquer declaração do espírito não deve ser tomada em consideração antes que ele tenha dado, anteriormente, algumas indicações sérias que permitam identificá-lo.

32

Visão de objetos ocultos

Sessão de 21-4-1943

1.^a experiência

Depois de diversas declarações tiptológicas, ficamos convencidos de tratar com um antigo confrade e amigo cujo gênio brincalhão teve ocasião de manifestar por diversas vezes.

Para ter uma satisfação, a Sra. L. tenta uma experiência, e, afirmando à entidade que já estamos cansados de suas brincadeiras, reclama, de sua parte, uma prova de identidade que seja, ao mesmo tempo, um ensaio de percepção física. Diz ela: "Se sois realmente o nosso amigo F., poderíeis dizer-nos o que nos destes de presente de casamento?"

Eu não me lembrava de tal circunstância e os outros assistentes a ignoravam completamente.

Para não influenciar o resultado de sua tentativa, a Sra. L. retira as mãos de cima da mesa.

Esse responde então: "Um prato de cobre" (exato).

P. — Onde está ele colocado?

R. - No alto (exato).

Tal prato é, na realidade, um adorno e está colocado na parte superior da chaminé de nosso quarto de dormir, que se acha no último andar de nossa habitação.

P. — Onde está colocado o segundo prato?

R. — Em cima da cama (a entidade responde à pergunta com uma brincadeira).

P. — Falai sério e dizei-nos onde se acha ele colocado.

R. — Embaixo do guarda-louças.

Com efeito, o segundo adorno foi jogado em baixo de um guarda-louça, colocado numa peça de coisas fora de uso, porque não nos agradava muito devido à sua representação: uma briga de cabaré, que está ali representada.

33

Percepção de gestos executados, na obscuridade, pelos assistentes

Mesma sessão

2.^a experiência

Feita completa obscuridade, coloco o índice direito debaixo das narinas, e pergunto onde está ele.

R. — Mãos debaixo do guardanapo.

Se se compara a indicação do fato realizado (mãos debaixo das narinas), parece que houve, em um dado momento, a interferência de vários pensamentos ou que a brincadeira continuava.

3.^a experiência

A Sra. M. levanta os braços, segura as duas cortinas do gabinete e pergunta o que faz.

R. — Quereis usar o vosso...

Não compreendemos imediatamente, ainda que a Sra. M. esfregasse o seu nariz contra uma manga do vestido, devido a uma leve coceira.

4.^a experiência

A Sra. L. mexe com a língua entre os lábios. Pergunta-se o que faz ela.

R. — Mexe boca (exato).

5.^a experiência

A sessão termina com três pancadas batidas na mesa, de acordo com o

que havíamos combinado com a entidade.

Em tal ocasião, como não tivéssemos qualquer idéia da hora, pedimos-lhe que nó-la comunicasse com certeza.

A mesa bate 10 pancadas para as horas, seguidas de 10 outras pancadas para os minutos.

Acesa a luz, verificamos, pelo relógio, que eram 10 horas e 10 minutos exatamente.

Observações

Trata-se de uma visão direta dos movimentos executados ou de uma telepatia entre os assistentes e a entidade espiritual?

No presente caso não se poderia dizer o certo, pois que uma pessoa, pelo menos, conhecia, antecipadamente, os gestos a serem executados.

Já não sucedeu o mesmo com a hora indicada no fim da sessão. Mas, dirão os críticos, podia acontecer que uma delas calculasse o tempo escoado e desse a hora de uma forma bastante exata.

Devemos, na verdade, dizer que, conforme os resultados bons ou maus, a sessão nos parece curta ou longa e que nos seria bem difícil avaliar, exatamente, a duração das experiências. Invariavelmente é a entidade que faz terminar a experimentação, batendo as três pancadas tradicionais. Se pretendemos continuar, custe o que custar, só podemos verificar a paralisação mais completa das manifestações ou caímos na mais decepcionante confusão. Força nos é dobrar a disciplina que nos é imposta.

Temos ainda observado que uma causa de transtorno nesse gênero de experiências é o seu caráter sério e científico se adaptando mal com a mentalidade da maior parte dos operadores invisíveis.

Alguns dentre eles não compreendem sempre o alcance útil dos fenômenos que produzem.

Eles não buscam muitas vezes senão uma satisfação pessoal.

Salientemos uma vez mais o caráter afetivo das relações que se

estabelecem ordinariamente entre o mundo do além e o nosso.

34

Efeito da interferência dos pensamentos

O espírito comunicante não é íntimo. É um simples conhecimento de escola, que dá indicações pela mesa provando a sua identidade. Faz a descrição de si próprio, diz o seu nome, onde morava e anuncia que irá produzir alguns fenômenos de telecinésia (movimentos à distância) de flores e cortinas.

A descrição feita pela mesa é completada pela clarividência da Sra. M., que faz conhecer o número de anos decorridos depois de sua morte. Ela vê a entidade que move os lábios e quer reproduzir o seu nome.

Ela ouve Char e acrescenta tout noir. Este enigma é facilmente desvendado. O carvoeiro está habitualmente todo preto devido à sua profissão. O nome era bem: charbonnier (carvoeiro).

Ainda que a sessão esteja interessante, por outros motivos, passemos ao que nos preocupa.

1.^a experiência

Como sempre, tudo se passa na obscuridade. No fim da sessão, sinto-me fatigado e faço um bocejo discreto que ninguém pôde ouvir, nem perceber, e pergunto à entidade:

P. — Que fiz eu?

R. — Sono.

Digo que a resposta não me satisfaz.

R. — Bocejou (exato).

Peço uma segunda experiência com o fim de me certificar de que não houve telepatia e que a personalidade mediúnica me viu fisicamente.

R. — Não.

A mesa inclina-se sucessivamente diante dos três outros assistentes. Compreendo por isto que eles devem fazer igualmente um ensaio para se convencerem.

2.^a experiência

A Sra. M. tira as mãos de cima da mesa e estica a língua.

P — Vistes o que a Sra. M. fez?

R. — Sim, língua comprida.

3.^a e 4.^a experiências

A Sra. S. puxa um lenço do seu avental e o coloca em sua mão direita.

R. — Não posso dizer.

A mesa indica em seguida a Sr. L., filha da Sra. S., a qual fecha os olhos.

R. — Fecha os olhos.

5.^a experiência

Pergunto se a Sra. S. pode tentar nova experiência.

R. — Sim.

A Sra. S. toca o lóbulo de sua orelha esquerda com a mão direita.

R. — Rosto.

Declaro que a resposta é muito imprecisa.

R. Orelha esquerda.

P — Por que não quis dar a resposta na primeira vez?

R. — Interferência lenço.

Com insistência, a mesa vai e vem várias vezes da Sra. S. para a sua filha, Sra. L., e dita:

Pensamento — Que vai ela fazer?

Efetivamente, quando chegou a vez da Sra. S. tentar a experiência, sua filha, a Sra. L., pensara: "Que vai ela fazer?"

A palavra "interferência", ditada pela mesa, faz compreender que foi o pensamento da Sra. L. que perturbou a comunicação tiptológica.

6.^a experiência

A Sra. L. pergunta se ela pode operar na peça vizinha. Dessa maneira ficará certa de que nenhum movimento poderá ser surpreendido pelos outros experimentadores.

R. — Sim.

A Sra. L. afasta-se então um momento. Quando ela volta, a mesa dita: Manto — mesa.

Por causa da obscuridade, a Sra. L. não sabia ao certo o que ela havia apanhado. Ensaiou, no primeiro instante, apanhar uma almofada colocada num sofá. Não a encontrando, tinha apressadamente agarrado o primeiro objeto ao seu alcance.

A Sra. M. pergunta se se trata de seu manto.

R. — Sim.

Depois da sessão, verifica-se que a Sra. L. apanhara o manto da Sra. M. e o depositara em cima da mesa.

Pergunto então à entidade se poderíamos continuar as experiências com a sua colaboração.

R. — Graduar.

E a sessão terminou.

Observações

1 — A personalidade mediúnica resume o gesto feito, por uma palavra, possivelmente para não esgotar as forças disponíveis.

2 — Ela interpreta às vezes o gesto em lugar de o descrever, depois o precisa, se se pede um complemento de informação (sono por bocejar).

3 — O pensamento de um assistente impede a realização da comunicação (interferência). A personalidade mediúnica percebeu bem o gesto, pois o assinalou em seguida (lenço), sem que houvesse necessidade de recomeçar. Isso explica muito o insucesso nas comunicações.

A entidade sabe perfeitamente o que ela quer dizer, porém não chega a transmitir o seu pensamento por causa do de um assistente.

4 — A entidade não aceita sugestões e dirige a experiência. Assim, ela não permite que eu mesmo renove os ensaios e designa, ao contrário, outras pessoas. Aponta a causa do fracasso e recomenda graduar as experiências futuras.

35

Visão direta sem ambiente mediúnico

Têm os espíritos sempre necessidade de fluidos mediúnicos para realizar a visão física de um objeto?

O fenômeno narrado a seguir parece responder a esta pergunta, pois que a visão se deu antes da reunião mediúnica.

Extrato da ata de 29-4 -1943

A entidade, de que não conhecemos senão o nome, deu indicações geográficas que ignorávamos naquele momento.

Trata-se da pequena comuna de Hautrage, situada no Hainaut.

De acordo com a entidade, Hautrage se achava nos arredores de Charleroi. Por informações tomadas pelo telefone logo depois dessa comunicação, soube que essa localidade está situada perto de St-Ghislain, de que ela depende.

Volto para a sessão e digo à entidade comunicante que sua indicação é em parte inexata. A mesma se corrige imediatamente e dita: Mons.

Essa cidade está igualmente nas paragens de Hautrage e de St-Ghislain. Pergunto à entidade como pôde ela retificar a posição dessa comuna.

R. — Forma pensamento.

Solicito alguns esclarecimentos sobre a maneira pela qual ela percebeu essa forma-pensamento.

R. — Clarão.

Conclui então que a indicação lhe veio como uma inspiração de um modo todo involuntário e que a sua memória pessoal não se acha em causa.

Donde vem esse clarão? O espírito confessa que não sabe: nem de um plano superior, nem de nós.

Se eu cito estes detalhes é para mostrar o papel que desempenha o pensamento na maior parte dos fenômenos espíritas e assinalar que se poderia obter precisões interessantes por recursos numerosos.

Depois desse ensaio que lança certa luz sobre a vida do Além, quis certificar-me das possibilidades da entidade e lhe peço para me dizer o que eu havia feito durante a tarde.

R. — Dormir.

É, com efeito, verdade, pois dormira pouco depois da refeição do meio-dia. Insisto em ter outra indicação.

R. — Escrever (exato).

P. — Que escrevi?

R. — Uma carta (exato)

P. — Não é tudo.

R. — Vossa história.

Aqui, a entidade faz claramente alusão ao relato de fatos que eu

compilo para uma publicação.

A mesa bate as três pancadas convencionais para terminar.

Reclamo então a hora marcada.

Dez pancadas são batidas pelo tiptologia.

P. — Nem um minuto?

R. — Não.

Consulto o relógio da peça vizinha. Eram precisamente 10 horas, sem um minuto a mais.

Observações

Uma das indicações dadas pela entidade (Hautrage) não pode ter sido fornecida pelo nosso subconsciente, pois que não a conhecíamos.

Além disso, se houve uma percepção direta para o que me diz respeito (dormir, escrever carta e história), tal percepção se verificou sem o auxílio luminoso dos médiuns, a menos que se aceite que todos os seres sejam mais ou menos médiuns e que a Terra esteja cercada, de todos os lados, de uma casca psíquica ou astral, constituída pela emanção de todas as criaturas vivas que a habitam. E isso não é impossível.

36

Fracasso de alguns ensaios

Sessão de 19-5-1943

A mesa anuncia como operador F., que já se distinguiu no gênero das manifestações telecinésicas (movimentos de objetos à distância).

Como, todavia, não houve nenhum controle da identidade, não se pode dizer que se tratasse mesmo dela, tanto mais que os fenômenos, que se seguiram, não foram bem demonstrativos.

Como sempre, os assistentes faziam a cadeia com as mãos levando cada um deles braceletes e colares luminosos que impediam qualquer movimento insólito.

Com tais condições de controle, as cortinas do gabinete mediúnico foram agitadas levemente, por diversas vezes e mesmo puxadas de seu suporte.

Ensaio renovar a experiência do baralho que tínhamos feito com êxito, mas a entidade não estava com disposição para nos atender, tanto mais que a sessão chegava ao seu fim.

Contudo faço tirar 3 cartas de um baralho de 52 cartas pelos assistentes. Peço à entidade para nos dizer o valor e a cor das tiradas por um dos membros da assistência.

Contrariamente ao que esperava, a mesa dita então que são as cartas que se achavam debaixo da mão esquerda do Sr. J. e que serão objeto da experiência.

No fim da sessão, um ensaio de visão direta e física é tentado.

O resultado foi inteiramente nulo.

Em preciso concluir daí que a entidade não via no mundo físico?

Nada deve ser menos verdadeiro, pois que, para agitar as cortinas, a entidade deveria antes vê-las.

De outra parte, o fato de as cartas terem as costas para cima obriga o espírito a perceber o valor e a cor delas através da matéria ou de um modo anormal. Certas entidades tiveram êxito nesse gênero de experiência, porém essa última sai do esquema a que nos impusemos porque ele implica na penetração da matéria através da matéria, à moda dos raios X.

É certo, entretanto, que todos os espíritos não chegam a perceber diretamente o que se passa em nosso plano. Todavia, uma categoria dentre eles, mais habituada talvez a se movimentar e a agir no ambiente humano, se especialize nessa espécie de trabalho.

Na sessão de 12-6-1944, um espírito familiar, falecido perto de cinco anos antes, se mostrava, ainda naquela data, em um estado algo deficiente.

Ela recorda, pela tiptologia, certos incidentes de sua vida, pede preces e declara estar no escuro. Essa pessoa, quando viva, não sabia orar e tivera uma vida fácil, sem preocupações materiais.

Ocasionalmente eu lhe pergunto se vê a mesa da sessão.

R — Sim.

Saliento imediatamente a contradição que existe entre o fato de ver um objeto e de estar no escuro.

R. — A luz dos médiuns.

Esta resposta indica que a exteriorização psíquica dos médiuns projeta certa claridade espiritual sobre os objetos que os cercam.

É esta a condição que permite os espíritos familiares participarem, em certa medida, da vida terrena dos seus íntimos dotados de faculdades psíquicas e para os quais se sentem atraídos por pensamentos afetuosos.

Conclusões

É bem patente que, do ponto de vista científico, é preciso aumentar o número das experiências no mesmo sentido, antes de se chegar a uma conclusão definitiva.

É-nos, entretanto, possível admitir o bom fundamento de nossa hipótese: saber que certas entidades, aptas para esse trabalho, são capazes de ver diretamente em nosso mundo material.

Eliminação da hipótese telepática

Neste caso, a entidade é o nosso conhecido F. P.

Desde o começo da sessão, havíamos resolvido tentar certa experiência a fim de eliminar a hipótese telepática.

Assim sendo, munimo-nos de um baralho de 52 cartas, Misturadas essas, cada assistente tirar uma delas ao acaso e a colocara, sem a olhar, de frente para a mesa. Dessa maneira, ninguém pode-ria ter conhecimento delas.

Foi igualmente resolvido virar as cartas tiradas quando a obscuridade fosse feita, de forma a colocá-las em uma posição de visão normal.

Isto feito, apagou-se a luz elétrica.

Sem esperar, a mesa me designa a dita: Valete. Vou à peça vizinha e verifico, com a luz, que houve erro.

Voltando à sala das sessões, aponto o erro ao operador invisível.

E as experiências continuam.

Carta da Sra. L. — três (exato)

Carta da Sra. M. — oito (exato)

Carta da Sra. S. — oito (erro)

Pergunto se as experiências estão difíceis.

R — Não.

P. — Vedes bem as cartas?

R. — Sim.

Foi, pois, na transmissão que o erro se produziu.

A Sra. S. retira uma nova carta do baralho e sem hesitação a mesa dita: dois (exato).

Nova experiência da Sra. L., que retira ainda uma carta do baralho.

R. — um (exato — ás).

Peço ainda à entidade para nos dizer a qual naipe pertence cada carta e,

apontando os assistentes, a mesa dita:

Vermelho para 3 experimentadores e preto para 1 experimentador.

Na realidade, haviam efetivamente 3 cartas vermelhas para 1 carta preta, mas era eu quem tinha uma das cartas vermelhas em vez de outro assistente.

Reclamo um esclarecimento a respeito das causas que motivaram os dois fracassos.

R. — Muitas mudanças.

Pouca alegria.

Vibrações não muito grandes.

P. — Podeis dizer-nos que horas são?

R. — 9 horas e 20 minutos.

Erro: eram 9 horas e 5 minutos.

Observações

É de notar que se empregou um baralho de 52 cartas de jogar, dividido em quatro grupos de 13 cartas do mesmo naipe.

Para cada experiência, há então 12 chances de se enganar contra apenas a de 1 êxito.

Como houve 6 provas, o operador poderia cometer 72 vezes o erro contra 6 êxitos.

Ora, a experiência apontou 2 erros apenas contra 6 êxitos.

Segundo a linguagem matemática, o número de erros possíveis é proporcional ao número de fracassos, como 72 está para 2 ou 36 está para 1.

Esta proporção é ainda acrescida pelo fato de que ela não considera que a entidade estava, ademais, obrigada a designar exatamente o detentor de cada carta.

Contraprova empírica

A fim de verificar de visu o que se passaria em cada caso semelhante, se eu adivinhasse as cartas tiradas ao acaso, tomo, sem olhar, 6 cartas do mesmo baralho de 52 cartas e as coloco com a face voltada contra a mesa.

Adivinho, sucessivamente, o valor e a cor de cada uma delas, segundo a ordem estabelecida.

Recomeço quatro vezes os meus ensaios, anotando o que achei. As cartas, que coloquei voltadas contra a mesa, são então viradas e obtenho os seguintes resultados.

Valores

- 1.^a tentativa: O êxito
6 fracassos
- 2.^a tentativa: O êxito
6 fracassos
- 3.^a tentativa: O êxito
6 fracassos
- 4.^a tentativa: 1 êxito
5 fracassos

Cores

- 1.^a tentativa: 3 êxitos
3 fracassos
- 2.^a tentativa: 4 êxitos
2 fracassos
- 3.^a tentativa: 3 êxitos
3 fracassos
- 4.^a tentativa: 3 êxitos
3 fracassos

Na determinação do valor das cartas apenas, a média dos êxitos ultrapassa pouco mais de O.

Detemo-nos nesta verificação tranqüilizadora para estabelecer que as experiências da mesa tiveram êxito, pois nenhuma transmissão telepática era possível entre nós e o operador invisível.

Vejam os a seguir as causas dos fracassos revelados pela entidade e examinemos o valor delas.

a) Muitas mudanças

No começo da sessão, eu ia efetivamente da mesa à peça vizinha para verificar, com a luz, o resultado de cada ensaio.

De outra parte, eu andava entre o grupo de experimentadores e o gramofone para trocar o disco.

Se as experiências tinham um fim físico, uma vibração física não poderia influenciar o resultado delas?

A entidade, com toda lógica, parecia ter razão, tanto mais que isso me tornava nervoso.

b) Pouca alegria

É fato que essa experiência, ainda que interessante em certos pontos de vista, não provocava nenhum entusiasmo.

Ora, aqueles que experimentaram um pouco no domínio psíquico sabem que o bom humor, a própria alegria, facilitam grandemente a emissão de fluidos mediúnicos, contribuem para a harmonia psíquica e influenciam favoravelmente a realização do fenômeno.

c) Vibrações não muito grandes

O comprimento das ondas vibratórias de cada psiquismo particular determina a agitação ou a calma, a perturbação ou a limpeza da atmosfera psíquica da sessão.

Quanto maior for ela menos numerosas são as vibrações, mais a atmosfera psíquica é calma e propícia à ação das entidades sobre o meio ambiente.

Essas vibrações são antes as conseqüências do estado dos nossos pensamentos.

Sessão de 29-4-1943

Pergunto à entidade P. D., que se manifesta já há algum tempo com sucesso, se a experiência reclamada pelo Sr. D. pode realizar-se hoje.

R. — Sim.

P. — Está a par da conversa que tivemos?

R. — Sim. Sim, sim.

Como o Sr. D. ficou completamente cego, é natural que lhe sejam precisos fenômenos surpreendentes e pessoais para o convencer da realidade das manifestações.

Pondo em execução o seu projeto, ele sai então do quarto escuro, onde estávamos, retorna instantes após, instala-se à mesa e diz: "Pronto, Sr. P. D.. Já acabei. Quereis ter a amabilidade de me dizer o que acabo de fazer."

R. — Mostrar a porta Maria.

Pergunto ao Sr. D. qual gesto ou ato ele fez e este me responde: "Tirei o meu molho de chaves do bolso esquerdo de minha calça e o coloquei no direito."

Fica-se embaraçado, porque, à primeira vista, não existe correlação alguma entre o que diz a entidade e os fatos.

Todavia, o Sr. D. se explica e diz: "Eis exatamente o que se passou.

Tirei do bolso esquerdo de minha calça chaves ligadas a um anel que enfiei no meu índice, com o antebraço estendido para a frente."

Depois desta explicação, o sentido das palavras tornou-se claro e compreensível.

Com efeito, o patamar onde parara o Sr. D. é aquele em que se acha o quarto de Maria D. Ora, o Sr. D., tendo-se voltado para a esquerda, fazia face à porta do quarto dela, e, levantando o antebraço, apontava a porta, sem o saber.

Observação

O Sr. D., estando cego, não podia conhecer exatamente o sentido de seu gesto.

Ora, a entidade não revelou o que o Sr. D. pensara realizar, mas apenas deu uma interpretação de seu movimento (mostrar a porta do quarto de Maria com o índice estendido, no qual pendia o porta-chaves).

Não se poderia melhor resumir, em algumas palavras, o que se passara; pode-se ainda afirmar, sem o temor de ser desmentido, que a comunicação não foi o resultado de um efeito telepático e que a visão da entidade tem bem um caráter físico.

Como se verificou ela? Eis uma outra questão que o pesquisador poderá elucidar.

Se somos levados a resolver um dos problemas que se apresentam diante do investigador, é unicamente para mostrar ao leitor o partido que se pode tirar de um simples fenômeno de mesa bem controlado.

Se ele quiser chegar a um resultado tangível, é necessário que lavre atas precisas de todas as reuniões experimentais que dirija, que aí registrem as suas observações e é somente quando tiver uma documentação suficiente que poderá produzir um trabalho pessoal frutuoso.

Um espírito pode ler no pensamento dos vivos?

Considerando as numerosas provas de clarividência da mesa, ou seja, dos espíritos que se manifestam por meio delas, poder-se-ia crer que as manifestações intelectuais são reflexos dos pensamentos conscientes ou inconscientes dos experimentadores.

Seria admitir, por dedução, que as entidades, que produzem os fenômenos materiais, são capazes de ler livremente na alma de todos os assistentes, como em um livro aberto.

A experiência, que relatamos a seguir, prova o contrário.

Extrato da sessão de 13-2-1944

Os experimentadores têm as mãos postas sobre a mesa.

Entre eles se acham as Sras. M. e Dec., cujas faculdades mediúnicas são bem poderosas em razão de uma exteriorização psíquica bem desenvolvida.

Uma entidade conhecida, P. Dec., o falecido marido da Sra. Dec., se manifesta por movimentos diversos da mesa.

O Sr. Dub lhe pede autorização para tentar uma experiência com a sua colaboração, no que foi atendido.

As respostas foram dadas por meio de batidas.

Tudo se passa na obscuridade, porém os assistentes levam, nos antebraços, faixas luminosas.

1ª experiência

O Sr. Dub pergunta à entidade onde ele toca a Sra. Dec.

R. — Mão (exato)

P. — E agora?

R. — Cabeça (exato)

2.^a experiência

Depois deste êxito, o Sr. J. passa uma lata de fumo ao Sr. L., que a coloca a um metro da mesa, sem conhecimento dos outros assistentes.

O Sr. L. pede para dizer o que ele pôs em um bolso.

R. — Chaves (exato)

Como a entidade já houvesse dito, em outras sessões, que não chegava a ver o interior de um objeto (caixa, saco, etc.) o Sr. L. coloca a lata de fumo bem à vista, em cima de um joelho.

P. — No momento, o que vedes?

R. — Lâmpada (inexato)

Diante deste fracasso, o Sr. L. apanha novamente a lata e, com ruído, a põe sobre a mesa, fazendo a mesma pergunta.

R. — Lápis (inexato)

Apesar dos fracassos, a entidade diz que viu muito bem.

Reconhecemos que é verdade que estes diferentes objetos (chaves, lâmpada, lápis) haviam sido manipulados pelo Sr. J. antes da sessão, porém vistos e sabidos por todos os presentes.

3.^a experiência

A Sra. M., clarividente, me passa um broche que eu mantenho na mão esquerda aberta. Faço a pergunta adequada.

R. — Anel (inexato)

A Sra. M. apanha então o broche e o coloca na mesa, debaixo de uma sua mão.

R. — imediata — Broche (exato)

O Sr. Dub passa um isqueiro ao Sr. J. e a mesma entidade é solicitada a

dizer.

R. — Cigarro (inexato)

O Sr. Dub apanha o isqueiro. Nova experiência.

R. — Caixa (imprecisa, senão inexata)

O objeto é então posto sobre a mesa e a Sra. Dec., clarividente, coloca um dedo em cima.

R. — Isqueiro (exato)

Fim das experiências

Observações

1 — Com as Sras. M. e Dec., ambas médiuns clarividentes de exteriorização psíquica, a experiência teve bom êxito.

2 — Quando o objeto foi segurado por um médium menos desenvolvido, a experiência não deu resultado.

3 — A mão do Sr. Dub., pousada sobre a mesa ou a cabeça do médium Dec., se acha na exteriorização psíquica do médium. Mesma situação quando o objeto (broche ou isqueiro) é tocado pelo dedo do médium.

4 — Quando dos três meio fracassos (chaves, lâmpadas e lápis), a entidade alega que viu bem.

O que é exato é que esses diferentes objetos foram manipulados pelo Sr. J., bem como vistos e sabidos por toda a assistência, da qual duas pessoas eram médiuns clarividentes.

É então possível que a entidade tenha visto efetivamente uma sucessão de fatos verdadeiros através da mente de certos médiuns, ainda que não correspondessem no momento presente.

Que concluir?

A honorabilidade dos dois médiuns de exteriorização não pode ser posta em dúvida, porque buscam conosco desvendar os poderes reais do Espírito e as suas faculdades foram mostradas sinceras em uma multidão de

experiências em que eles estavam diretamente em causa quando trabalhavam no desconhecido.

De outra parte, a entidade provara, em sessões precedentes, sua identidade pela recordação de fatos pessoais, por traços típicos de caráter, por uma independência de vontade que lhe é própria, quer no terreno psíquico, quer no terreno intelectual.

Admitida a realidade do espírito, o que importava para nós, aqui, era determinar a faculdade intelectual da entidade em suas relações com o mundo terreno.

A experiência desse dia parece suficientemente demonstrativa para estabelecer que essa espécie de entidades não sabia:

— o que decorre de um estado de relação entre o espírito e as individualidades terrestres pelo contato de objetos, que lhe tenham pertencido, de lugares em que vivera, de pessoas de sua família, emitindo irradiações ou fluidos simpáticos, de médiuns de exteriorização psíquica, cujo psiquismo é para ele um vaso de cristal em que colhe os elementos de sua clarividência.

Resulta daí que os conhecimentos da entidade, adquiridos por meio de todos esses elementos, são extensos, porém fortemente limitados.

Sua percepção é, além disso, influenciada pelas reações dos médiuns e das pessoas de seu meio familiar, em virtude de seu poder telepático com ele.

Concebe-se logo daí, com toda lógica, que não se pode admitir, de olhos fechados, tudo o que nos dizem as entidades que se manifestam por meios materiais.

E, por via de consequência, em nossas relações com elas, devemos conservar integral o nosso livre-arbítrio.

As manifestações são, entretanto, interessantes a mais de um título porque elas nos fornecem, facilmente, bem numerosas indicações estabelecendo a realidade do mundo transcendental onde seremos chamados a viver um dia.

Na direção de uma sessão de mesa, é preciso que o chefe do grupo guarde uma certa independência a respeito das revelações das entidades que se manifestam.

De outra parte, importa igualmente não se servir da mesa como meio de adivinhação.

Se os espíritos vêem o que se passa detrás da cabeça de certas pessoas, não quer dizer que saibam tudo e eles podem se enganar e nos enganar sem o querer.

39

O mundo do alto e nosso – Mentira e verdade

O que se passa nas esferas inferiores do Além, isto é, nas próximas de nossa humanidade, é mais ou menos o que acontece neste mundo.

Pode-se mentir ali como aqui?

Não existe lá um controle severo das manifestações de modo a impedir o mal de continuar a prejudicar?

Antes de responder por um sim ou um não categórico, é preciso compreender que as entidades ou espíritos se agrupam automaticamente nas esferas espirituais em razão do mesmo de suas aspirações, de suas afinidades morais.

Há, pois, esferas superiores e inferiores.

É a liberdade mesma concedida a todos os espíritos que condiciona a responsabilidade deles, os impele ou detém no caminho do progresso.

Nas esferas próximas de nossa humanidade, são as reações dos espíritos entre si que causam o mal-estar, o sofrimento, etc., segundo a aplicação da Pena de Talião: olho por olho, dente por dente.

É-lhes sempre possível sair desse meio detestável se ouvir os conselhos de seus guias espirituais.

Quando a comunicação mediúnica é permitida para um espírito das

regiões inferiores do Espaço, são as nossas preces, a nossa boa vontade desinteressada, a firmeza de nossos princípios que nos porão ao abrigo de suas más sugestões e farão com que ele ouça a voz do bem e da razão.

Isto fazendo, desempenhamos um papel definido pela Providência a exemplo dos espíritos mais elevados na hierarquia espiritual.

40

Há perigo em praticar o Espiritismo?

De acordo com o que já explicamos, podemos responder categoricamente NÃO, quando se tem o juízo perfeito e não se afasta, em nada, das recomendações da moral e da razão.

É preciso que um médium não tome parte em reuniões que só tenham um caráter profano e frívolo, sem nenhum alcance moral ou científico.

Pondo-nos em relação com os nossos "mortos", costeamos bem perto o sofrimento para que não observemos uma conduta digna e séria em nossas sessões, sem excluir delas o bom humor.

O fim das sessões espíritas é o de proporcionar às almas sofredoras um auxílio moral salutar, de recolher as provas da sobrevivência, de estudar os casos que poderão esclarecer-nos sobre a nossa maneira de viver se queremos realmente compreender o sentido da vida para nós mesmos e sermos úteis aos nossos semelhantes.

É o lado filosófico da experimentação espírita e o mais importante. É para ele que devemos orientar as nossas pesquisas.

O que ensina uma sessão de mesa "nula"

Muitas pessoas imaginam que basta uma sessão maravilhosa para ficarem convencidas de que o Espiritismo é uma realidade. Elas devem compreender antes que o Espiritismo é uma seqüência lógica do Animismo, isto é, manifestações da alma ainda encarnada. E a este respeito, as sessões infrutíferas, do ponto de vista propriamente dito, deixam ao observador atento numerosos ensinamentos.

Por "nula", entendemos uma sessão em que o espírito não chega a provar a sua sobrevivência por meio de provas positivas de identidade. Entre estas, há as maneiras próprias, as tendências, as aspirações atinentes ao caráter do indivíduo, assim como os fatos chocantes da identidade material.

Quais os elementos positivos fornecidos por uma sessão de mesa "nula", porém apresentando movimentos verdadeiros da mesa?

Primeiramente, a exteriorização de uma força desconhecida produzida pelos assistentes ao contato das mãos com a mesa.

II — Essa força produz o movimento inteligente da mesa.

III — Essa mesma força pode ser avaliada.

IV — Ela é dotada de certas faculdades intelectuais inferiores: compreensão da linguagem, audição e visão físicas conscientes, pois que ela obedece às sugestões verbais do chefe da sessão e ouve tudo quando dirige os movimentos da mesa.

Não obedecendo sempre a essas injunções, tal força mostra uma certa liberdade de ação.

V — Essa força age sobre a matéria, pois que a mesa se desloca.

VI — Ela poderia ser utilizada com o fim de vitalizar um ser enfraquecido.

VII — Os objetos deixam-se impregnar pelo fluido humano.

Em outras palavras, os movimentos da mesa provam:

I — a exteriorização de uma força psíquica.

II — a sua inteligência.

III — a sua independência.

IV — a possibilidade das curas espíritas.

V — a realidade da psicometria, isto é, da detecção de vibrações e fluidos por meio de um objeto pertencente a uma pessoa.

Tais conclusões não são admitidas pela Ciência oficial ainda que elas sejam fáceis de controlar.

Teoricamente, a Ciência admite a força psíquica não exteriorizada.

Até aqui as nossas verificações estão à frente dos conhecimentos científicos e é repetindo sempre e em todas as partes essas manifestações que elas entrarão no domínio corrente, apesar de todos os misoneismos, e faremos obra de pioneiros.

Depois disso, o trabalho será mais fácil. Será fácil de verificar de visu as personalidades que se comunicam pelo intérprete material.

Em tal dia não se ligará mais importância às hipóteses místicas e materialistas. Compreender-se-á que as reações da mesa constituem uma espécie de barômetro psíquico indicando ao experimentador o valor psíquico dos indivíduos que se colocam diante dela.

Ver-se-á, por seus próprios olhos, que tal ou qual indivíduo tem detrás de si um lote de forças hostis e obscuras que determinam o seu comportamento na vida, que é preciso doutriná-las e esclarecê-las se ele tem vontade de progredir.

E note-se que esse lote de forças está em relação simpática com o temperamento psíquico da pessoa e que faz parte de sua personalidade subconsciente ou oculta.

Tal explica os fracassos das tentativas feitas pelos novatos que ainda não estão maduros e não refletem sobre o alcance filosófico das experiências supranormais.

42

Plano de organização de uma sessão bem orientada

- I — Leitura moral ou das atas das experiências bem sucedidas.
- II — Leitura da ata da sessão precedente e assinatura dela.
- III — Preces antes das sessões.
- IV — Experiências.
- V — Preces no fim da sessão.
- VI — Comentários da sessão realizada.

43

Desenvolvimento ulterior das experiências

Os deslocamentos da mesa podem dar lugar a verdadeiros exercícios de acrobacia acima das cabeças dos experimentadores.

Eleva-se às vezes subitamente de um lugar e pausa, a pedido, muito levemente no chão.

Acontece também que se mantém a 20, 30, 40 e 50 centímetros do soalho, se não mais, durante um número bem importante de segundos (80" a 90"), isto é, mais do que é necessário para apreciar-se o fenômeno. E isso se faz habitualmente com a luz vermelha, menos actínica, menos dissolvente do que a luz branca.

Muitas vezes é fácil compreender, por seus movimentos, os sentimentos de alegria, de indecisão, de contrariedade, de impaciência, de certas entidades. A mesa estremece, trai o seu mau humor, o seu respeito ou a sua amizade por meio de saudações mais lentas e mais untuosas.

Balanços, sustentação sobre um pé ou dois, piruetas no ar, levitações, golpes ritmados no interior da madeira, são manifestações que demonstram o poder do espírito sobre a matéria.

Levando mais longe o exame das possibilidades físicas do espírito, chega-se a solucionar, pelo menos parcialmente, certos problemas metafísicos: criação do ser físico, a vida espiritual, suas relações com o mundo visível, etc.

Mas isto não poderá ser considerado senão em uma série de novas experiências que repousem sobre fenômenos físicos obtidos sem qualquer contato do médium com os objetos que o cercam.

É o que veremos em próxima obra.

44

Utilidade demonstrativa do fenômeno das "mesas falantes"

Como bem o demonstra o fenômeno das "mesas falantes", o fluido exteriorizado pelos assistentes e os médiuns é condicionado por uma inteligência que lhe imprime os seus principais atributos: força — direção — independência.

Qual é essa inteligência?

As provas de identidade, quando procuradas, estão aí para mostrar, apesar das interferências dos pensamentos provindos dos assistentes e das entidades reacionárias que querem apagar a chama do progresso, que as almas dos desencarnados vivem além da sepultura.

Não precisamos de repetir que tais provas constituem por si sós uma demonstração suficiente da vida de além-túmulo, com clarões bastante vivos para iluminar a nossa rota espiritual.

É pelo estudo de todos os gêneros de fenômenos que chegaremos a uma visão panorâmica da vida espiritual no que ela tem de mais belo e de mais confortante para as almas generosas.

Do ponto de vista prático, a "mesa falante" dá à entidade, livre da incorporação mediúnica, primeiro a faculdade de fornecer facilmente as provas que se esperam dela.

Em segundo lugar, o médium bem controlado é posto fora de causa e não se sente atingido pelas exigências dos experimentadores.

A seguir, a ação do fluido humano sobre um objeto material nos autoriza a pensar que tal fluido pode igualmente ser transmitido a um outro corpo vivo, quando um médium especializado (o médium curador) pousa a mão sobre um órgão deficiente ou sobre o plexo ou outro centro nervoso do enfermo.

O que é essencial um principiante reter é o seguinte:

1.º — Nada aceitar de uma entidade sem que tal seja imediatamente controlável.

2.º — Não se deixar arrastar pela tendência irresistível da adivinhação do futuro.

3.º — Lembrar-se de que uma sessão bem controlada não o dispensa do controle das reuniões seguintes.

4.º — Recordar-se de que o caráter das entidades é o mesmo de quando na Terra: sério, frívolo, zombeteiro, brincalhão ou mau.

5.º — Considerar que as revelações dos espíritos não são senão opiniões pessoais, que devem ser confirmadas por outros médiuns que ignorem os resultados dessas sessões.

6.º — Que o Espiritismo é um meio providencial de estudar as manifestações espirituais com o escopo de nosso adiantamento moral.

45

Demonstração da realidade da força psíquica em plena luz

Sua avaliação

Setenta e duas pessoas, vindas para se iniciarem, assistem às experiências físicas organizadas pelo Grupo de Estudos Experimentais da Federação Espírita de Liège, a 6 de junho de 1946.

Diante dessa muito numerosa assistência de pessoas que lá compareciam pela primeira vez, é a sessão aberta pelo Sr. Lhomme, chefe do Grupo, que salienta a importância do fenômeno físico no estudo do Espiritismo.

Sabe-se que esse fenômeno demole a hipótese telepática pelo fato de que uma mesa, que se movimenta anormalmente, não tem cérebro para recolher as ondas transmitidas por inteligências em ebulição. Ela também não possui sistema nervoso para obedecer às injunções que lhe são transmitidas pelos assistentes.

Esse fenômeno não depende então da sugestão, tanto mais que os seus movimentos e comunicações não correspondem sempre aos desejos do presidente da sessão, quando não lhe são mesmo contrários.

E não se trata absolutamente de uma ilusão, pois que foi fotografado e sua fotografia se acha à disposição de todos. Ela prova que se trata de uma força, pois que resiste a uma pressão de 60 a 70 quilos, além do peso de 40 quilos da mesa, o que faz com que o peso que a mesa levanta anormalmente seja de mais de 100 quilos. E ela se levanta de diferentes lados, com grande espanto da assistência.

Em dado momento, quando a mesa foi levantada e não caiu, permitiu-se que 4 ou 5 pessoas, consecutivamente, tentassem fazê-la baixar. Apesar de seu peso e da energia empregada, a mesa resistiu e não voltou ao solo senão depois de violentos esforços.

Tal se passou em plena luz e todos os presentes ficaram convencidos de que houve algo de anormal, ou melhor, de supranormal.

O Sr. Lhomme não deixa de salientar que se uma força tal pode ser comunicada à mesa, com mais forte razão poderia ser comunicada a um organismo vivo por intermédio dos nervos, daí a explicação de curas psíquicas tão discutidas.

Acrescentemos que, a pedido do presidente, a mesa se eleva e bate, ostensivamente, três pancadas, a fim de demonstrar que há também aí um fenômeno intelectual.

Não é preciso dizer que esses maravilhosos resultados, em plena luz, se explicam por uma colaboração espiritual superior, tendo em vista o fim almejado pelos organizadores da sessão.

Com o propósito de provar aos novatos, dados como aptos para esse gênero de trabalho, que os mesmos resultados podem ser obtidos por seu intermédio, os médiuns habituais são convidados a se retirarem de redor da mesa e a experiência é tentada pelos principiantes.

Depois de certo tempo percebe-se que o auxílio de dois médiuns desenvolvidos é necessário e já, eles podem certificar-se do que se passa com a cooperação deles.

Durante todo o tempo da experiência, os médiuns mantêm as mãos espalmadas sobre o tampo da mesa e em plena luz.

O presidente convida mesmo os assistentes a verificarem se a mesa é movida por um meio qualquer e aceita todas as objeções e pedidos que se lhe queiram formular (reproduzido do *Spiritualisme Expérimental et Philosophique*, de Liège).

46

Relatos de sessões

Reproduzimos a seguir algumas atas das boas e também das más sessões feitas, consideradas de acordo com os resultados obtidos.

Nossos leitores verificarão que o mundo espiritual não contém unicamente entidades elevadas e que não é senão com a nossa perspicácia e o nosso valor moral que descobrimos as manobras dos espíritos inferiores.

Nesta espécie de experiências, os comunicantes do Além recorrem a abreviaturas e a uma ortografia fonética que diminuem os nossos esforços, às vezes consideráveis, para vencer as resistências diversas que se opõem às suas manifestações no plano material.

Clarividência

Sessão de 16-6-1943

Assistentes: Sras. L. — S. — M. e D. — Srs. L. — A. — S. e J.
Luz — fortemente atenuada.

Experiências

1.^a manifestação

A conversa, começada por ocasião da sessão de 9 de junho, prossegue hoje com a entidade mediúnica R. J., mas antes a mesa acusa a presença de Z., entidade protetora de um dos assistentes.

Ela dita: D. tem muitas vezes trabalhado para mim.

Efetivamente, a Sra. D. é médium psicógrafo e as comunicações versificadas que ela recebe o provam abundantemente.

A pedido nosso, reclamando mais esclarecimentos, a entidade responde por meio de pancadas da mesa:

R. — Já disse tudo o que podia dizer.

P. — Não poderíamos obter algumas indicações que nos permitissem identificar-vos?

R. — Não.

A fim de controlar se a sua afirmativa de colaboração com a Sra. D. repousa em uma base séria, peço à entidade que nos faça conhecer uma palavra da comunicação dada no domingo, sem conhecimento nosso, na residência da Sra. D. e pela mão desta.

R. — Alegria.

A Sra. D. reconhece que esta palavra foi justamente uma das que ela substituiu por uma outra que parecia convir mais.

O verso ditado foi o seguinte:

Quem espera/com alegria/sua volta. transformado como segue:

Quem espera/pacientemente/ sua volta.

2.^a manifestação

Depois desta breve comunicação, os movimentos da mesa indicam uma mudança de operador que se anuncia assim: Maurice B.

A Sra. M. teve, com efeito, um primo com este nome, falecido havia já alguns anos.

Solicitado a dar uma prova de sua identidade, ele soletra pela mesa:

Mireille — retrato — feira.

A Sra. M. reconhece que, antes da desencarnação acidental de Maurice B. Mireille, tinha dois ou três anos e se recorda de que num dia de outubro, Maurice, que gostava muito da menina, a levava a uma feira onde se tinha feito fotografar com ela em um camarim próprio.

3.^a manifestação

Sem transição, a mesa dita em seguida: René J. Esta entidade é conhecida do Sr. T., que se aproveita dela para lhe perguntar se estava ao corrente de sua última visita ao médico.

Pressentindo, sem dúvida, a pergunta que ia seguir, a mesa dita: "Sim. Não aceitar."

Temendo um erro, o Sr. T. reclama algumas percisões e indaga assim:

P. — Não aceitar o quê?

R. — Proposta feita.

Efetivamente, o médico aconselhara o seu cliente a fazer uma intervenção cirúrgica.

P. — Posso, assim mesmo, voltar às minhas funções?

R. — Sim (muito afirmativo). Ele (o médico) andou muito depressa. Teu estado não é bastante grave. Procure cuidar-te mais por um médium. Domingo — quarta-feira — depois a H.

P. — Por quem?

R. — Sra. M.

P. — Posso fazer-me cuidar por vários médiuns diferentes?

R. — Sim. Monisse (nome de conhecido médium curador).

P. — Se vou tratar-me no domingo, quarta-feira e sexta-feira, quando queres que eu recorra aos cuidados do Sr. Monisse?

A mesa esboça um balanço significativo que faz compreender que o Sr. T. pode escolher à sua vontade. Depois dita ainda:

R. — Nenhum perigo para a família.

P. — Manténs o que me disseste na última sessão para Marcelle?

R. — Sim.

P. — Onde mora Marcelle?

R. — Bruxelas.

Ora, é preciso fazer saber que o nome de Marcelle X. era completamente desconhecido de todos e que havia sido revelado na sessão

anterior. O Sr. T. tinha então telefonado, na parte da tarde, à Sra. J., colaboradora do Sr. R. J., que soube que morava efetivamente em Bruxelas.

P. — Não faria bem em deixar o trabalho que comecei?

R. — Sim. Insalubre.

Era verdade, mas isso podia ser apenas uma coincidência.

P. — Por causa de quê?

R. — Caucho.

P. — Pergunto se não seria bom acrescentar uma palavra para melhor compreender o teu pensamento.

R. — Nafta.

Tais detalhes eram desconhecidos dos outros experimentadores e tinham sido objeto, antes da chegada deles, de uma troca de vistas entre o Sr. T. e eu mesmo. Havíamos chegado à mesma conclusão: a supressão de um trabalho diário na garagem, onde os vapores de nafta ou de benzol eram particularmente nocivos.

A fim de evitar um automatismo inconsciente, havíamos, antes das perguntas, tirado as mãos de cima da mesa.

Satisfeita por haver sido compreendida, a entidade exprime o seu contentamento, agitando a mesa que saltita alegremente.

P. — Não poderias dizer-me o motivo pelo qual resolvi trabalhar com aquele amigo (o proprietário da garagem)?

R. — Muito corajoso.

Eu mesmo posso apreciar a veracidade dessa opinião lisonjeira sobre o Sr. T., que está convencido de que, por detrás da manifestação física, opera uma inteligência que, perfeitamente ao corrente dos seus atos e gestos, isto é, mesmo de seus próprios pensamentos, dá a sua opinião sobre todos os assuntos que interessam ao protegido (saúde — trabalho — identificação) com uma perfeita clarividência.

Depois desta comunicação tiptológica, a mesa executa algumas levitações, sendo uma delas completa, pois os três pés da mesa levantam-se

ao mesmo tempo até a altura dos joelhos dos assistentes.

Faze-nos rir, pede-lhe o Sr. T., e a mesa executa logo uma dessas acrobacias que têm o mérito de fazer todos alegres.

As três pancadas finais são batidas. A mesa fica inerte. Terminara a sessão.

Observações

Alguns destes fatos provam eloqüentemente o seguinte:

— que os experimentadores se acham na presença de uma ou de mais inteligências clarividentes, perfeitamente ao corrente de fatos desconhecidos dos sentados em torno da mesa e às vezes mesmo dos interessados;

— que estas inteligências sabem apreciar a utilidade dos conselhos delas, como o faria uma personalidade autônoma e independente.

Hoje tudo se passa como se três entidades diferentes houvessem sido apresentadas aos assistentes.

Uma delas declarou mesmo não ser conhecida dos experimentadores e não quis dizer quem era.

Um "golpe de solda" permitiu estabelecer a veracidade de sua afirmativa (colaboração com o médium D.).

Sessão de 5-4-1944

Assistentes: Sras. S. — L. — M. — D. — e Y. Srs. L. — J. e D.
Luz: fortemente atenuada.

Experiências

1.^a manifestação

O fim principal desta sessão é o de obter deslocamentos de objetos à distância de todos os assistentes (telecinésia).

Ela começa por um ensaio de tiptologia.

A mesa dita pedaços de frases incompreendidas e maledicentes dirigidas à Sra. Y., o que faz com que se peça ao comunicante para identificar-se.

Ele dá um nome desconhecido e eu lhe peço então para contar um fato comum da vida da Srta. Y.

A entidade titubeia diante das provas que lhe são reclamadas.

Aproveito-me dela para salientar a indignidade de sua conduta, pois que quer lançar o descrédito sobre um assistente novo, não iniciado, e o impedir de compreender, normalmente, o valor superior do Espiritismo.

A entidade protesta e eu lhe digo que, ao contrário, ela deveria fornecer algumas provas interessantes à Srta. Y. se tivesse realmente a intenção de fazê-la interessar-se pela vida espiritual.

A entidade cala-se então.

2.^a manifestação

A mesa é então manobrada com mais precisão e energia. Pelo seu modo de agir, percebe-se a vinda de uma outra entidade.

Ela é levantada pelos três pés, seis vezes seguidas. Por ocasião das levitações, contam-se 2-3-3-2-4-13 segundos, durante os quais a mesa fica suspensa à altura do soalho.

Depois a mesa soletra: J-u-l-i-e-n M. (Trata-se de uma entidade bem conhecida; o falecido marido da assistente Sra. M.).

A Sra. M., que é clarividente, percebe o seu marido entre a Sra. D. e a Sra. S. Ele parece bem alegre e disposto a nos satisfazer.

A sessão continua como havíamos esperado: levitação da mesa — deslocamentos das flores colocadas sobre a mesa — sopros provenientes de direções diversas — toques nos dedos da Sra. M.

Tais fenômenos serão objeto de um estudo especial.

Observações

Pelo que precede, pode-se desde já dizer o seguinte:

1 — que foi a nossa vontade enérgica e bem determinada de não se deixar influenciar pela primeira entidade que a impediu de cometer uma má ação (maledicência). Foi depois de uma reprimenda que ela se sentiu desarmada e teve de ceder o lugar a uma outra entidade bem intencionada;

2 — que foi a sua incapacidade de fornecer as provas de sua verdadeira identidade, apoiadas por provas de clarividência, que nos permitiu ver claro em seu jogo;

Todavia, a identidade e as provas reclamadas não dariam razão à entidade em sua maneira de agir, que deveria ser a seguinte:

a — bons conselhos;

b — ausência de juízo sumário;

c — dar provas de clarividência espiritual a fim de interessar a pessoa no estudo das manifestações psíquicas.

3 — que uma entidade evoluída não pode, por sua vontade, afastar uma outra mal intencionada, a fim de que encontremos nós próprios o meio de afastá-la pela doutrinação e a prece, em suma, pela caridade.

Necessidade de se estar de bom humor e calmo.

Sessão de 2-2-1944

Assistentes: Sras. S. — M. — L. — D. e Yv. Srs. L. — J. e D.

Luz: fortemente atenuada.

Experiências

As novas assistentes, Sras. D. e Yv., são favoráveis às manifestações físicas, pois são ambas médiuns tiptólogos. Além disso, a sua presença, em uma sessão íntima realizada em casa delas, permitiu a identificação de duas entidades e os fenômenos decorreram em ordem.

Todavia, a presença de ambas já não pôde influir em resultados que foram lastimosos, porque a Sra. X. estava em visível estado de agitação e um outro assistente tossiu sem parar.

A assistência está bastante agitada e parece confundir bom humor com agitação e solicitações numerosas. Em tais condições, dois casos de identificação não deram resultados positivos.

Faz-se então uma leitura de moral evangélica.

Sessão de 27-10-1943

Assistentes: Sra. S. — M. — L. e D. — Srs. L. — J. e D.

Luz: vermelha.

Depois da prece a mesa dita: Roland — Roncevaux.

Com estas indicações, é fácil perceber que estamos tratando com um farsante e resolvemos a olhá-lo como tal.

P. — Quem conheces aqui?

R. — Ana L.

Um dos assistentes ri e diz: "Parece que te encontras no tempo de Carlos Magno."

A entidade compreende que não somos tolos e responde: "Sim".

p. — Então podes citar-nos um verso da canção de Roland?

R. — Sim. "A alma do Grande Roland não está ainda consolada."

Não se trata aqui da canção da Gesta, mas de um verso da poesia escrita por Alfred de Vigny, intitulada Le Cor.

Somos levados a crer que a entidade tem certa cultura literária e lhe

fazemos outras perguntas.

P. — Conheces Victor Hugo?

R. — Sim.

P. — Poderias recitar um verso de uma sua poesia ou dar um título de uma obra do mesmo autor?

R. — Os Miseráveis.

R. — E uma outra?

R. — A Legenda dos Séculos.

P. — Podes citar uma peça de teatro?

R. — Creso.

P. — De quem é esta peça?

R. - De D. (exato).

A Sra. D. queria ter o título da última peça de seu marido, peça que ele ainda não havia acabado de escrever.

R. — Char et Ohès (em valão).

Durante o ditado, erros do idioma valão foram notados.

P. — Se não saber escrever em valão, dita o título em francês.

R. — Chair et os.

Esta é a abreviatura de Mi tchár et mes ohès que, em francês, traduzimos por Ma chair et mes os (Minha carne e meus ossos).

P. — Onde está o Sr. D.?

R. — Já faleceu (Na realidade, o Sr. D. foi dado como desaparecido pelos alemães).

A mesa aponta com insistência o Sr. S., o que nos leva a perguntar a esta entidade se o conhecia.

R. — Sim.

P. — Onde?

R. — Em Volière (asilo de loucos).

P. — E Ana, onde a conheceu?

R. — Em Santa Agata (asilo de loucas).

P. — E a Sra. M. igualmente onde?

R. — Sim. Ermite.

Sentimos que a brincadeira não dava mais nada que valesse e já durava bastante, de modo que desafiamos a entidade a levantar completamente a mesa.

Contrariamente à nossa expectativa, essa se eleva duas vezes nos quatro pés, depois bate as três pancadas para terminar. Apesar de nossa insistência, a mesa não se mexe mais.

Observações

Um espírito superficial e apressado concluiria logo que estávamos tratando com um farsante qualquer e encerraria a sessão sem mais delongas, mas, se considerarmos tudo com menos pressa, observamos:

1 — que a entidade demonstrou certa cultura literária;

2 — que conhece o nosso amigo D., professor e autor valão, do qual citou duas peças de teatro: Crésus e Mi tchár et mes ohès;

3 — que a entidade procurou escrever em valão, cometendo erros como a maior parte dos naturais da Valônia;

4 — que não ignora a existência dos dois asilos de loucos da cidade de Liège, o que parece indicar ter vivido nesta cidade.

Creemos que estas indicações constituem uma boa prova de identidade que nos permite concluir que a entidade não é outra que o nosso amigo e colega E. F., professor e regente-literário, valão puro sangue que morou em nossa cidade e que se fez notar, em diversas manifestações, por suas brincadeiras.

De caráter jovial e faceto, gostava, quando vivo, de contar estórias engraçadas. Suas piadas faziam dele um bom companheiro, de modo que a sua presença na sociedade era procurada e apreciada.

De origem camponesa, gostava sobretudo de exprimir-se em nosso dialeto mosão, que ele apreciava particularmente.

Um fenômeno desconcertante

Já falamos do fenômeno tiptológico produzido pelo Sr. P. Louis na Federação. Ele o reproduziu perante um público heterogêneo e com muito sucesso.

O médium não é outro que o Sr. J. Demet, nosso simpático secretário nacional.

O trabalho consiste em ditar mensagens compreensíveis por meio da mesa, executando batidas com uma ligeireza que desafia a atenção do experimentador.

O Sr. P. L. escreve no quadro negro das letras enunciadas sem que o médium tenha conhecimento delas pelo olhar, em vista de ficar com as costas voltadas para ele, a fim de evitar qualquer crítica que se fizesse algum dia.

No final da sessão, obtivemos o seguinte:

Nous sommes particulièrement heureux ce, rios (soir) ed (de) l'ambiance tanger (regnant) cii (lei); siamaj (jamais) nos n'avons itnes (senti) une ellet (telle) étilicaf (facilité) ruop (pour) travailler.

P. — Quand l'esprit prend-il possession du corps?

R. — Sed (dês) al (Ia) conception siam (mais) sap (pas) d'une noceaf (façon) définitive. Tralvaillez puocuaeb (beaucoup) cii (ici) sab (bas) rac (car) suov (vous) préparez el (le) liavart (travali) rutuf (futur).

P. — D'ou vient le pèrisprit du mulet?

R. — Il n'y a sap (pas) ed (de) iouq (quoi) erir (rire). Tout comme le vôtre, il vient et va srev (vers) sel (les) stub buts) iuq (qui) iul (lui) tnos (sont) assignés rap (par) el (le) ruetaerc (créateur).

Pouquoi ce Monsieur Simon n'a-t-il pas elrap (parlé) à nu (un) compatriote que iul (lui) aussi se prénomme Simon?

Et sans laisser de traces sur la terre siam (mais) alec (cela) viendra

bientôt M. le Professeur de Latin.

Dites oïi nous sommes.

Nous te remercions ô ami totneib (bientôt) on retrouvera sel (les) secrets ed (de) Simon srevne (envers) te (et) contre tous.

Texto seguido, grifado:

Somos particularmente felizes esta noite com o ambiente reinante aqui, nunca sentimos tal facilidade para trabalhar.

P. — Quando o espírito toma posse do corpo?

R. — Desde a concepção, mas não de modo definitivo.

Trabalhai muito cá em baixo, porque preparais o trabalho futuro.

P. — De onde vem o perispírito da mula?

R. — Não há de que se rir. Assim como o vosso, ele vem e vai para os fins que lhe são assinalados pelo Criador.

Por que este Sr. Simon não falou com um compatriota seu, que também se chama Simon e partiu sem deixar traços na Terra? Mas isto acontecerá breve, Sr. Professor de Latim. Dizei-nos onde estamos. Nós te agradecemos, ó amigo; breve se desvendarão os segredos de Simon, para e contra todos.

Reproduzindo as frases tais quais, colocamos entre dois parênteses as palavras corretas, pois, como já observaram, certas palavras foram ditadas a começar da última letra e, em outras, as letras estão invertidas, sendo o "ç" substituído por "ce" na palavra façon.

O texto acima é constituído da fraseologia correta, cindido por palavras invertidas. A inversão não é por anomalia rara; ela se repete, em todas as linhas, de um modo corrente. É produzida com a mesma cadência rápida que o texto normal, com batidas da mesa em 180 batidas por minuto, mais ou menos.

Outra grande dificuldade: a entidade mediúnica deve responder, da mesma maneira, a perguntas formuladas, de improviso, por uma pessoa da

assistência e vê-se que ela se sai muito honrosamente.

Para entender a última frase, é preciso saber que a entidade, que diz chamar-se Simon, fornecera informações sobre a sua identidade, mas as pesquisas feitas para descobri-la não deram resultados positivos. Ela os confirma e assegura que serão descobertos os segredos desse Simon, para e contra todos. Esperemos com paciência.

Perguntas imprevistas — inversão de palavras — inversão de letras: tais são as três grandes dificuldades que se acumularam na comunicação tiptológica em plena luz, obtida em uma cadência acelerada.

Ensaíamos este processo com todas as nossas faculdades normais e verificamos, sem dúvida alguma, a impossibilidade de imitação. (Reproduzido do *Spiritualisme Expérimental et Philosophique*, de Liège).

48

Posfácio

As indicações feitas nesta obra permitir-nos-ão obter numerosas manifestações interessantes.

Se quisermos levar mais longe as nossas investigações no domínio do desconhecido, possuímos já um instrumento precioso: o médium tiptológico.

Por meio dele podemos obter manifestações físicas sem contato e, se a exteriorização psíquica for suficiente, conseguiremos fenômenos de uma ordem mais elevada, isto é, materializações de espíritos.

Para atingir este cimo grandioso, é preciso ter grande coragem e bastante paciência. Não oculto mesmo que as interrupções e os recuos serão numerosos, mas quão bela será a recompensa de quem tiver perseverado e obtido pleno êxito.

Adenda

49

Mudanças na assistência de um grupo de trabalho

Os experimentadores observaram, por diversas vezes, que, quando uma mudança importante se produz na assistência, a colaboração espiritual igualmente se modifica.

Isso se passa, sobretudo, quando o médium principal cessa o seu trabalho e é substituído por outro.

A introdução de novos membros, em um grupo já formado, leva um novo contingente de entidades que os acompanham, entidades que constituem o ambiente espiritual de cada indivíduo.

É por esta razão que, em um grupo de experiências físicas, não podem ser admitidos, sem o perturbar, novos experimentadores.

É preciso um tempo bastante longo antes que os antigos membros fiquem entrosados com os recém-vindos.

As reações psicológicas, que esses últimos provocam, destroem a harmonia psíquica da sessão, tão necessária para a obtenção de novos resultados.

Pode parecer, entretanto, indispensável abrir a porta a pessoas sérias, desejosas de serem iniciadas nas novas verdades, mas, desde que assim pensemos, é também aconselhável que o façamos em um dia determinado do mês, a fim de podermos perceber as reações assinaladas mais acima.

Se uma simpatia existe ipso facto entre os novos e os antigos assistentes, a harmonia é fácil de estabelecer-se e os trabalhos continuam normalmente como antes.

Já não acontece o mesmo se existe oposição ou antipatia. A tão necessária harmonia é difícil de estabelecer-se e serão precisas muitas

semanas para concretizá-la, caso a situação não se agrave definitivamente.

Vê-se aqui com que prudência é preciso admitir novos membros em um grupo experimental, sem conhecer, por pouco que seja, os laços que os poderão unir aos do grupo já formado, porque uma sessão espírita não é um espetáculo de circo e sim uma coisa muito séria.

É o presidente do grupo que tem mais autoridade para agir, de acordo com o guia dos trabalhos, quando esse já lhe deu provas de clarividência.

No caso de qualquer perturbação nas manifestações, é melhor tomar logo uma atitude e agir de acordo, consultando o guia dos trabalhos, que, se solicitado, não deixará de esclarecer o caso.

Já nos tem acontecido recusar a entrada, na sala das sessões, de tal ou qual pessoa que gostaríamos de admitir, pelas seguintes razões:

1 — Tal pessoa suga as forças em lugar de as fornecer.

2 — O grupo não deve ser alterado para dar entrada a um novo assistente, que ainda tem necessidade de ser iniciado experimentalmente.

2 — Não agora (isto dá a entender que qualquer modificação repentina na sessão é prejudicial, etc., etc.)

4 — Fluidos novos não se unem facilmente aos dos outros médiuns.

Vê-se por aqui que não é sempre uma desonra deixar de ser admitido numa sessão espírita.

Não se vê, aliás, um místico no meio de uma assembléia científica ou um cientista no meio de místicos. Essa dessemelhanças produz um desacordo irremediável no grupo.

Já consegui, apesar de tudo, produzir a harmonia com pessoas rejeitadas por um grupo de médiuns ou indicadas como fazendo oposição a um grupo já constituído.

50

Leitura direta

Sessão de 7-2-1947

Sentados à mesa: Sra. Masy, E. Jourdain e F. J. Tomando as notas: Sra. E. J.

Conforme combinado com a entidade, Fernand havia escrito, com lápis, numa folha de papel preto, alguns dias antes da sessão, um questionário com o pedido à entidade de o responder na próxima sessão.

A mesa dita Yvan (nome da entidade que já deu várias indicações interessantes).

Respostas

1 — Não sei.

2/3 — Danton — Kelerman — Dumouriez — Vergniaud.

4 — Destruidor de imagens religiosas.

5 — Rasputine — Não falem disto — Traz desgraça.

6 — Studienka Borisof.

Eis o questionário que era ignorado pelos 3 outros assistentes:

1 — Tendes conhecimento, no que me diz respeito, de uma vida anterior à em que me conhecestes?

2 — Encontrastes no Além com revolucionários franceses?

3 — Se sim, quem?

4 — Que pensais de R.?

5 — Sabeis de quem eu quero falar?

6 — Qual o nome da aldeia russa de onde Napoleão assistiu à passagem do Beresina?

Outras perguntas e respectivas respostas:

P. — Com quem estivestes esta tarde? Podeis dizer-nos os nomes deles?

R. — Hoche.

P. — Não chegará ele a se manifestar?

R. — (Depois de a mesa agitar-se violentamente, de lado): Assim. Quando eu partir.

P. — Quem ainda vedes como guia?

R. — Henri Coucke — Ema.

p. — (De E. J. que conheceu uma tia com este nome, falecida há 10 meses): Que idade tinha ela?

R. — Setenta anos.

p. — Como sabeis o nome dela?

R. — Ouvi dizer por um desconhecido.

P. — Napoleão poderá voltar a se reencarnar?

R. — Sim.

P. — Que pensais de Danton?

R. — Louco (ardoroso).

P. — Quais foram os vossos autores favoritos?

R. — Racine.

P. — E os Enciclopedistas?

R. — Poucos.

P. — Podeis dizer-nos o que pensais da vida atual?

R. — É a mesma porcaria. Vida.

P. — Em vossa opinião, que fazem as religiões?

R. — Tornam hipócritas as criaturas.

Subitamente, quando não se perguntava mais nada, a mesa dita: O comércio das chapas vai continuar.

P. — Julgamos, pela vossa frase, que estais perfeitamente a par dos assuntos tratados aqui durante o dia. Vindes cá muitas vezes?

R. — Todos os dias.

P. — (E. J. pergunta à entidade se ela o havia visto no outro dia,

quando ele escrevia): Que fazia eu?

R. — Relatório.

P. — Está bom, correto?

R. — Sim.

P. — E Sexta-feira passada, na Federação, qual era o espírito-guia?

R. — Moureau.

P. — Entre os assistentes, quem viste?

R. — A.

P. — É ele sincero?

R. — Sim.

P. — E a Sra. A.

R. — Supersticiosa.

P. — Que pensais de Roosevelt?

R. — Excelente.

P. — Que julgais da rainha Astrid?

R. — Excelente.

P. — Que achais das sessões da Federação?

R. — Boas.

P. — Qual a mediunidade da Sra. Masy?

R. — Vidência.

P. — E sobre a minha esposa?

R. — A mesma coisa.

P. — E acerca de Fernand?

R. — Materialização.

P. — Como vedes tudo isto?

R. — Comunicação facilitada.

P. — Poderíamos fazer com ele algumas sessões no escuro?

R. — É muito cedo.

P. — Com qual idade deverá começar?

R. — Trinta anos.

P. — Que deve fazer para se desenvolver?

R. — Esperar.

51

Foi preciso um peso de 296 quilos para dominar uma mesa

No dia 3 de março, primeira segunda-feira do mês, o grupo experimental de José Lhomme tentou uma nova experiência. Tratava-se de determinar o máximo da força empregada pela mesa.

Sabia-se já que uma pessoa de 82 quilos, o Sr. M., não pudera fazer inclinar a mesa que se levantara, embora se agarrasse às suas barras transversais e empregassem todas as suas forças.

A 3 de fevereiro, outra oportunidade levava uma dezena de pessoas a tentar a mesma experiência. Algumas mesmas puderam manter-se sobre a barra transversal sem que a mesa parecesse aperceber-se disso.

Agora, a pedido do presidente da sessão, quatro pessoas ajudadas pela tração enérgica de um membro dela, o Sr. Friséé, que pesava ele próprio 82 quilos, fizeram pressão sobre a mesa que resistiu a princípio, mas acabou por descer sob os esforços conjugados de cinco experimentadores. Tal nos permitiu avaliar as forças empregadas em mais de 296 quilos, se se acrescentar o peso da mesa, de 40 quilos, omitindo, voluntariamente, os pesos dos antebraços pousados em cima dela.

O controle da mesa e dos médiuns foi feito, à vontade, por toda a assembléia.

Eis um sucesso maravilhoso que nos permite concluir que o fluido psíquico dos médiuns se junta um ao outro e pode constituir uma força apreciável para a cura dos fracos e dos enfermos.

Todas as outras experiências resultaram em completo êxito.

O que se pode estudar por meio da "mesa falante"

Por meio desse fenômeno, podemos examinar sucessivamente:

1.º — A exteriorização do fluido psíquico, do qual se pode verificar os efeitos físicos.

2.º — Os sensitivos aptos à exteriorização pelas respostas da mesa, distinguindo entre pessoas favoráveis aos fenômenos e desfavoráveis.

Evidentemente, além da exteriorização real e controlável pela experiência, essa designação deve considerar as reações psicológicas da entidade com relação à pessoa indicada. Várias vezes obtivemos essa designação de acordo com a entidade que, segundo a circunstância, agitava a mesa da direita para a esquerda, parando desde que um sujet desfavorável a tocava com as mãos. Isso causava às vezes espanto e muitas vezes confirmação. Em outras ocasiões, a mesa ficava levantada e ia se abaixando até o chão, no início do contato do sujet indicado.

3.º — O segundo item permite igualmente apontar os aspirantes a médium, que não convêm ao círculo de médiuns existente.

4.º — É certo que a distinção dos sujets favoráveis e desfavoráveis permite a união de pessoas com mentalidades simpáticas, que assim agem firmemente sobre a qualidade do fluido emitido.

5.º — As experiências podem ser feitas para avaliar, pelo peso lançado sobre a mesa levantada, a quantidade do fluido acumulado pelos experimentadores.

6.º — Por meio da eliminação sucessiva dos sujets, pode-se, por subtração sucessiva do peso total, avaliar a força psíquica de um só sujet.

Outras tentativas podem ser feitas de modo a permitir ao experimentador chegar a conclusões complementares.